AGRESSÃO



DOCUMENTÁRIO DOS FATOS QUE LEVARAM O BRASIL Á GUERRA

AGRESSÃO

DOCUMENTÁRIO DOS
FATOS QUE LEVARAM
O BRASIL À GUERRA

**COM REPORTAGEM
FOTOGRÁFICA
AUTÊNTICA**



IMPRENSA NACIONAL
JANEIRO — 1943

A AGRESSÃO À NOSSA SOBERANIA

Aos 18 de agosto, a estação transmissora do Departamento de Imprensa e Propaganda irradiou para todo o país, e os jornais publicaram, os três seguintes comunicados :

"Pela primeira vez, embarcações brasileiras, servindo ao tráfego das nossas costas no transporte de passageiros e cargas de um Estado para outro, sofreram o ataque dos submarinos do Eixo. Nestes três últimos dias, entre Baía e Sergipe, foram afundados os vapores *Baependí* e *Anibal Benévolo,* do Loide Brasileiro, e *Araraquara* do Loide Nacional S.A. O inominavel atentado contra indefesas unidades da marinha mercante de um país pacífico, cuja vida se desenrola à margem e distante do teatro da guerra, foi praticado com desconhecimento dos mais elementares princípios de Direito e de humanidade. Nosso país, dentro de sua tradição, não se atemoriza diante de tais brutalidades ; e o Governo examina quais as medidas a tomar em face do ocorrido. Deve o povo manter-se calmo e confiante, na certeza de que não ficarão impunes os crimes praticados contra a vida e os bens dos brasileiros".

"Em complemento à nota distribuida pelo Governo, cabe ajuntar que mais dois vapores brasileiros, o *Itagiba* e o *Arará,* veem de ser tambem torpedeados por submarinos do Eixo, à altura do litoral da Baía.

Cumpre, ainda, esclarecer que, a bordo do *Baependí,* seguia para o Nordeste parte de uma unidade do Exército, com reduzido efetivo em praças, das quais apenas algumas poucas eram reservistas convocados, não tendo, portanto, fundamento as notícias propagadas sobre elevadas perdas militares a lamentar".

——— o ———

"Teem chegado de vários pontos do litoral da Baía e de Sergipe notícias telegráficas de que diversas baleeiras veem aportando a pequenas localidades da costa, havendo sido já grande o número de náufragos dos navios, de cujo torpedeamento acabamos de dar notícia, que foram salvos, esperando-se que ainda mais outros possam ser recolhidos no decurso desta noite e dos próximos dias".

OS NAVIOS TORPEDEADOS

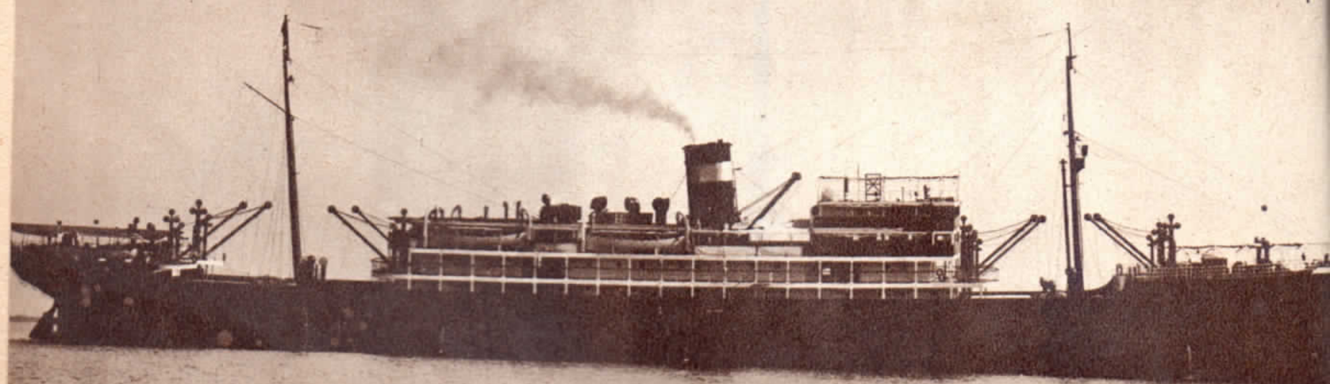
OS COMANDANTES DOS NAVIOS TORPEDEADOS

OS NAVIOS TORPEDEADOS



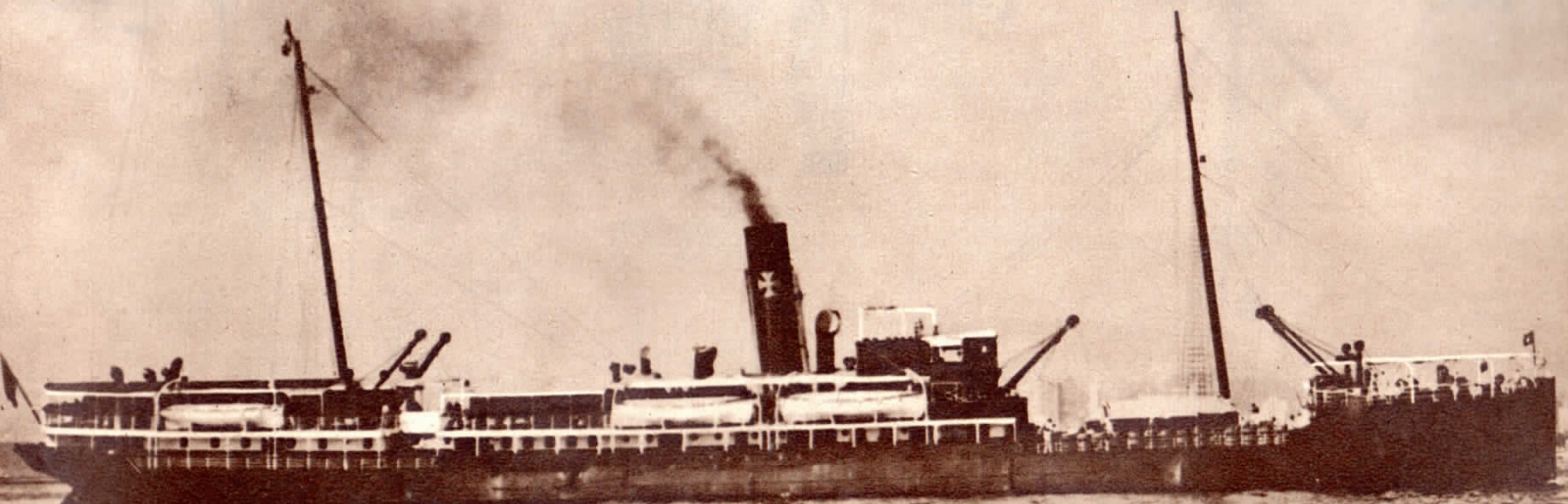
BAEPENDÍ

ARARAQUARA



ANÍBAL BENÉVOLO

ITAGIBA



ARARÁ



OS COMANDANTES DOS NAVIOS TORPEDEADOS



Capitão João Soares da Silva, comandante do *Baependi*

Henrique Mascarenhas da Silveira, comandante do *Aníbal Benévolo*

Lauro Augusto Teixeira de Freitas, comandante do *Araraquara*



João Ricardo Nunes, comandante do *Itagiba*



José Coelho Gomes, comandante do *Arará*

COMO OCORRERAM OS CINCO TORPEDEAMENTOS

O ataque aos cinco navios mercantes brasileiros revestiu-se das mais evidentes características de um ato de guerra. Tendo afundado 13 barcos brasileiros em zonas distantes, desta vez, os submarinos do Eixo afrontaram-nos em nossas águas territoriais, dentro dos limites que, quando os paises americanos resolveram estabelecer a linha de 300 milhas, a Alemanha reconheceu, proclamando como legítimos.

A viagem dos nossos navios torpedeados em agosto realizava-se obedecendo, rigorosamente, a instruções baixadas pelo Estado Maior da Marinha, nas quais se reconmendava navegar bem próximo da costa e, à noite, com as luzes dos camarotes e salões apagadas, conservado aceso, apenas, o que os marítimos chamam "faróis de navegação". Prova disto é o tempo, relativamente, curto em que os náufragos salvos lograram alcançar terra. Os do *Baependí,* tendo começado a lutar com as ondas às 8 horas da noite, alcançaram a costa ao clarear do dia. O *Anibal Benévolo* achava-se a sete milhas da costa, e o *Itagiba* e o *Arará* podiam distinguir praia.

E' voz corrente que súditos do Eixo residentes no Brasil auxiliam os submarinos atacantes, avisando-os da partida e do destino dos navios, com informes relativos à qualidade e quantidade das cargas; e tem sido constante a apreensão, no Rio e nos Estados, em poder deles, de excelentes aparelhos transmissores.

O comandante do *Anibal Benévolo* é de opinião que, no caso dos navios brasileiros sacrificados em nosso próprio mar, houve essa traiçoeira colaboração.

O afundamento dos nossos cinco barcos está, ainda, ligado a um fato a que, em seu depoimento, duas vezes alude o comandante daquela unidade do Loide Brasileiro e que não é para ser esquecido. A 14 de agosto, estando marcada, na Baía, entrada e saida de navios para esse dia e para o dia seguinte, sem que se possa precisar a causa — diz o comandante do *Anibal Benévolo* —, desarranjou-se o encanamento dágua destinado a abastecer a navegação. O acidente não foi de pouca monta, porquanto demandou muito tempo para o conserto dos canos, retendo, porisso, todos os vapores ancorados no porto de Salvador e atrazando-lhes as partidas, que só puderam ser feitas na manhã de 15, com pequenos intervalos, como aconteceu com o *Araraquara,* o *Baependí* e o *Anibal Benévolo.* "Friso desconhecer até hoje — declara o comandante do último navio — a causa que motivou a impossibilidade de nos abastecermos dágua e zarpamos na hora devida".

Uma questão há-de ser suscitada no caso do afundamento dos cinco barcos brasileiros: sendo torpedeados três deles entre Baía e Alagoas e os dois outros entre Baía e Espírito Santo, os primeiros na noite de 15 para 16 e os dois outros, um às 10,50, o segundo à 1,10, de 17, coube a ação a um só submarino ou mais de um? Isso, porem, pouco afeta à consideração moral do ataque, agravado pelo desrespeito às praxes internacionais, pois somente de relações diplomáticas rompidas nos encontrávamos com os paises do Eixo, cujos súditos, mesmo sob as naturais restrições da situação nova que os próprios agressores haviam criado afundando 13 barcos mercantes brasileiros, eram por nós tratados benignamente. Neste particular, a confissão de vários deles comprova o que aquí se evoca.

A partida dos navios saidos da Baía verificou-se na seguinte ordem: o *Baependí,* às

7; o *Araraquara*, às 11; o *Anibal Benévolo*, às 12; todos no dia 15. O *Itagiba*, zarpando, tambem a 15, de Vitória, vem defrontar-se com o *Arará*, que largou da Baía a 17, rumo a Santos, sendo ambos torpedeados com a diferença de poucas horas, em condições que fazem crer haja o submarino atacante afundado o primeiro e esperado o outro.

O serem praticados os afundamentos por um ou mais de um submarinos não invalida a convicção, assinalada pelo comandante do *Anibal Benévolo*, de haver o ataque obedecido a aviso enviado de terra, como leva a não se por inteiramente de parte a referência ao desarranjo do encanamento dágua destinada à navegação, que ajuntou, no porto da Baía, quatro dos cinco navios, retardando a partida de três. Devido a esse retardamento e à saida dos três que seguiram para o Norte na manhã de 15, logrou o agressor torpedeá-los na mesma noite (o *Baependí* às 19 horas, o *Araraquara* às 21, de 15, e o *Anibal Benévolo*, às 4,15 da madrugada de 16) e aproveitar a conjunção do *Itagiba* e do *Arará* navegando com destinos contrários. Seria necessária a mais ingênua boa vontade e, mesmo, parcialidade, para, em tal acordo de coincidências, negligenciar a suposição de movimentos combinados do agressor com informes de terra precisos, favorecendo-lhes os intuitos.

Os navios brasileiros afundados pelo Eixo próximo das nossas praias conduziam 837 pessoas: o *Anibal Benévolo* 154 (71 tripulantes e 83 passageiros); o *Arará* 35 (todos da equipagem); o *Araraquara* 146 (73 tripulantes e 73 passageiros); o *Baependí* 323 (73 tripulantes e 250 passageiros; o *Itagiba* 179 (60 tripulantes e 119 passageiros). Tambem não teve em conta o agressor a carga que transportavam os nossos cinco barcos, composta de remessas do comércio interno brasileiro, representando Cr$ 30.155.597,20 (*Arará*, Cr$ 135.745,00; *Itagiba*, ... Cr$ 7.402.828,10; *Araraquara*, ... Cr$ 9.454.297,60, *Baependí*, ... Cr$ 11.454.763,90 e *Anibal Benévolo*, ... Cr$ 1.707.962,20).

Os torpedeamentos foram desfechados com deshumanidade igual ao desprezo pelo Direito dos Gentes. De receber dois torpedos, um em cima do outro, escaparam os navios que navegavam ao sul da Baía, por isto ser dispensavel. Agredidos de dia, o submarino julgou uficiente um só tiro no *Itagiba* e o mesmo concebeu no tocante ao *Arará*. Se foram dois e não um os atacantes, dir-se-ia que, poupando munição, o do Sul quís gozar as minúcias da luta dos náufragos com as ondas, a par da descida dos dois barcos ao fundo do mar. Autoriza a assim pensar o caso do afundamento anterior de navio nosso, no qual tripulantes do vaso agressor assistiram rindo à angústia dos brasileiros procurando salvamento. E' verdade que o *Araraquara*, torpedeado à noite, demorou cinco minutos a afundar. Mas o *Itagiba*, afundado de dia, desapareceu em dez. Haver um torpedo único despedaçado o *Arará*, apressou-lhe o afundamento com os socorridos do *Itagiba*. Como o *Araraquara*, os dois outros da noite foram a pique rapidamente: o *Anibal Benévolo* em dois minutos, o *Baependí* em um.

Os ataques noturnos foram feitos em um mar agitado e em inteira escuridão. No *Baependí*, os passageiros acabavam de jantar quando a embarcação recebeu o primeiro torpedo. O chefe das máquinas desta unidade refere que entre ele e o outro mediaram uns cinco segundos. São ouvidos dois fortíssimos estrondos. Arrebentam os tanques de combustivel, e as labaredas sobem logo, quase, ao topo do mastro. Ao primeiro estampido, o segundo comissário com o segundo maquinista e um passageiro tentaram arriar uma baleeira. Esforço inutil, porque o outro torpedo completava a brutalidade do crime.

Ver-se-á, pelos resultados imediatos dos novos ataques, que as providências para proteção dos passageiros e tripulantes de pouquíssimo valeram. O comandante do *Araraquara* ordenou fossem postos os coletes de salvamento e se corresse às baleeiras. O primeiro torpedo penetrara entre o porão 3 e a casa das máquinas, dando-se, minuto e meio após, a outra explosão. Corre para uma baleeira o primeiro piloto. Estava inutilizada: sobre ela caira a tolda do botequim, e nenhuma outra poude ser retirada dos picadeiros, devido à inclinação do navio, que adernava e afundava desde o primeiro choque. Isto se passava nas trevas, com forte mar e

ventania. Grita-se para que os passageiros busquem salvar-se de qualquer modo. O navio tomava a posição horizontal: quem poude jogou-se às ondas.

No ataque ao *Anibal Benévolo,* o imediato, percebendo que o barco afundava, põe a funcionar a sereia de alarma, enquanto o comandante tenta colocar fora da borda uma das baleeiras salva-vidas. O navio afunda lançando nágua, somente, o comandante; visto que o imediato, indo à casa do leme para fazer funcionar a sereia, não mais regressou. Morrer dentro do navio constituiu a sorte da totalidade dos passageiros, que, àquela hora, 4,05 da madrugada, estavam em seus camarotes, como os tripulantes fora do serviço, nos alojamentos. Nem houve meio de ser utilizado o aparelho telegráfico. Conta o comandante ter tudo decorrido tão depressa, que não deu tempo, sequer, para pânico. O *Anibal Benévolo* perdeu-se em dois minutos. Pense-se no *Baependí,* que afundou em um. Os afundamentos do dia 17, dando-se de dia, trouxeram, com a tragédia comum, um fato, até então, inédito: o ataque ao *Arará* quando este acabava de recolher dezoito náufragos do *Itagiba.* Este é atacado no momento em que o imediato combinava, no seu camarote, às 10,50, com outra pessoa, exercício de salvamento a realizar-se ao meio dia. Recorrem os dois às baleeiras. Grande parte dos passageiros da terceira classe fazia o mesmo.

Levando o navio dez minutos a afundar, deu tempo a que muitos passageiros e tripulantes apanhassem as baleeiras. Mas nem todos se salvaram; e alguns dos que não perderam a vida conservaram-na a custa de duríssimos sofrimentos. Uma das baleeiras, quando eram feitos esforços para a afastar do navio, cai em cima do convés, unindo-se à chaminé, bastante inclinada e ameaçando virá-la. Os homens atiram-se ao mar. Depõe um dos tripulantes dessa baleeira — o imediato do navio — ter sido puxado pela sucção das águas para grande profundidade. Só depois de muito se debater torna ele à tona. E não voltaram todos à baleeira. Os que obtiveram meio de se manter à superfície dão com um hiate — o *Aragipe,* que presenciara o naufrágio. O hiate aguarda as demais embarcações de salvamento e acolhe quantos nelas vinham. E' quando se nota a aproximação do *Arará,* navegando para prestar socorro às vítimas. Sem com ele poder comunicar-se, o *Aragipe,* trazendo 150 pessoas, avançava para terra, temendo ataque do submarino. Para o *Arará.* O seu comandante faz arriar duas baleeiras, cada uma com cinco homens, afim de apanharem os náufragos a bordo do hiate, e que suplicavam auxílio. Já estava o *Arará* com os 18 náufragos, divisa-se do seu bordo o torpedo contra ele mandado. O navio desmantela-se e afunda, levando consigo os 18 náufragos do *Itagiba.*

A agressão verifica-se com o mais nítido carater de ato de guerra e afronta à soberania do Brasil. Morreram, no afundamento dos nossos cinco navios, 652 brasileiros (*Baependí,* 318; *Araraquara,* 135; *Anibal Benévolo,* 144; *Itagiba,* 39; *Arará,* 21). Depoimentos e narrativas dos que se salvaram dão idéia do drama dos nossos 652 patrícios, entre os quais se achavam mulheres e crianças, atacados tão ostensivamente. Três deles, já apanhados das águas, ante as cenas a que assistiam, na horrenda noite de 15 de agosto, enlouqueceram, atirando-se de novo ao mar, com palavras emocionantes, como as do que mergulhou depois de perguntar por pessoas suas queridas. Desta forma, fomos atacados à traição e sem motivo, defronte das nossas praias, à vista da nossa terra tão dadivosa e tão hospitaleiramente acolhedora.

MORTOS CHEGADOS A PRAIAS DE SERGIPE

ATITUDE DO GOVERNO NACIONAL

O torpedeamento dos cinco navios brasileiros causou a maior surpresa e indignação em todo o país. A 19, grande massa popular foi ao palácio Guanabara levar ao Senhor Presidente da República o seu protesto contra a brutalidade da agressão à soberania brasileira. Recebendo o povo, o Sr. Dr. Getulio Vargas pronunciou as palavras abaixo, recebidas com o mais caloroso apoio da massa popular.

Falou de improviso e pausadamente, focalizando a nossa posição em face dos últimos acontecimentos, como se desejasse que as suas palavras ficassem gravadas na mente de cada um, naquele ambiente de revolta e vibração cívica.

Bem compreendia — disse o Chefe do Governo — o sentimento de pesar e a exaltação patriótica que, no momento, enchiam aqueles corações vibrantes. Todos os brasileiros deviam participar desse sentimento e, ao mesmo tempo, da revolta e da indignação com que fôramos colhidos, de surpresa, por um ato de pirataria. Nada tínhamos feito para que os nossos navios mercantes, fazendo percurso nas linhas do litoral, fossem agredidos e afundados, desaparecendo marinheiros dos que os conduziam e oficiais e soldados do nosso Exército, como, até, descuidados passageiros.

Isso não devia ficar impune. Os navios pertencentes aos paises agressores seriam incorporados ao patrimônio brasileiro, para pagamento dos prejuizos causados; os bens dos súditos do Eixo, adquiridos no Brasil — essa grande terra que lhes deu hospitalidade e onde fizeram fortuna — seriam tambem responsaveis. Os quinta-colunistas, os espiões, todos aqueles que traissem os interesses brasileiros e que teriam sido os denunciantes da partida dos navios afundados, todos os que houvessem trabalhado contra os interesses da Pátria, todos esses cujos patrões nos querem cortar as vias marítimas, iriam, de enxadão, de pá e picareta ao ombro, cortar estradas no interior do Brasil.

Terminou o Presidente Getulio Vargas falando diretamente aos manifestantes. Que regressassem aos seus lares com a conciência tranquila e de cabeça alta, levando aquela bandeira, que era uma flâmula de esperança e que deveria significar, para todos, que as ocorrências contra as quais se protestava não podiam afetar o coração do Brasil, porque o Brasil era imortal.

A SOLIDARIEDADE DOS MARÍTIMOS

Agradecendo a expressiva manifestação dos marítimos, o Presidente Getulio Vargas proferiu, entre palmas e aclamações, eloquente improviso, no qual recordou as oportunidades anteriores em que se encontrára com os trabalhadores do mar — encontros de júbilo, de alegria, nos grandes dias comemorativos. Hoje, infortunadamente, o motivo era diverso : os marítimos estavam de luto e vinham dizer da sua mágua pelo sacrifício de companheiros, mortos ao serviço do Brasil. Se, porem, o faziam com imensa tristeza, não traziam na alma qualquer vestígio de desânimo. Um dos motivos que levaram os agressores a atacar os nossos navios tinha sido intimidar-nos. Mas esse intento não seria alcançado. Corajosos, tenazes, os marítimos não recuariam, não se deixariam abater por ameaças, partissem de onde partissem, viessem de onde viessem. O Brasil, em toda a sua história, jamais recuou de um caminho traçado, por ameaça ou agressão; ao contrário, revidou sempre, lutou sempre, e venceu sempre. A Marinha de guerra e a Aeronáutica brasileiras, articuladas com a Armada e a Aviação dos Estados Unidos da América, iam, agora, proteger melhor os nossos mares, para que não mais se repetissem atentados como os de que fomos vítimas. Ficassem certos os marítimos de que os poderes públicos não os haviam esquecido, e que os nossos navios, comboiados, continuariam a singrar os mares, levando tripulações intemeratas e bravas. Concitou-os a voltarem às suas oficinas, afim de que os navios fossem reparados, outras quilhas batidas e a bandeira do Brasil continuasse a tremular nos oceanos, transportando os nossos produtos de comércio com os povos amigos. O lema é — disciplina e trabalho. Dele nunca se afastaram os nossos marinheiros.

Conclue dizendo que o mar é um símbolo de liberdade; e o povo que não defende os seus mares não é digno de viver. O Brasil defenderá as suas águas, guarnecerá as suas costas, na certeza de que, dessa maneira, obedece à tradição viril da sua história e trabalha pela sua grandeza.

A multidão, em protesto contra o torpedeamento dos cinco navios brasileiros, dirigindo-se ao Palácio Guanabara

O Chefe do Governo acolhendo, no Palácio Guanabara, a multidão em protesto contra a agressão à soberania nacional

A multidão em frente ao Ministério das Relações Exteriores

Os marítimos em frente ao Palácio Guanabara

O Chefe do Governo, ao receber os universitários no Palácio Guanabara

Os universitários recebidos pelo Chefe do Governo, no Palácio Guanabara, a 20 de agosto







A reunião do Ministério, no Palácio do Catete

O ESTADO DE BELIGERÂNCIA

A 22, o Chefe do Governo reuniu o Ministério, no Palácio do Catete. O Departamento de Imprensa e Propaganda divulgou nestes termos o que se passou na reunião :

"O Sr. Presidente da República reuniu, hoje, o Ministério, tendo comparecido todos os ministros.

Diante da comprovação dos atos de guerra contra a nossa soberania, foi reconhecida a situação de beligerância entre o Brasil e as nações agressoras — Alemanha e Itália. Em consequência, expediram-se, por via diplomática, as devidas comunicações àqueles dois paises.

Examinaram-se, em seguida, diversas providências atinentes à situação, ficando os ministros incumbidos de preparar os atos necessários.

Resolveu, ainda, o Sr. Presidente da República que o Ministério, daquí por diante, se reuna semanalmente para assentar outras medidas exigidas pelas circunstâncias".

NOTAS DO GOVERNO BRASILEIRO AOS GOVERNOS DA ALEMANHA E ITÁLIA

Em 21 de agosto de 1942.

A orientação pacifista da política internacional do Brasil manteve-o, até agora, afastado do conflito em que se debatem quase todas as nações, inclusive deste hemisfério.

Apesar das declarações de solidariedade americana, votadas na Oitava Conferência Internacional de Lima, e na Primeira, Segunda e Terceira Reuniões de Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, efetuadas, respectivamente, no Panamá, 1939, em Havana, 1940, e no Rio de Janeiro, 1942, não variou o Governo brasileiro de atitude, embora houvesse sido, insolitamente, agredido o território dos Estados Unidos da América, por forças do Japão, seguindo-se o estado de guerra entre aquela República irmã e o Império agressor, a Alemanha e a Itália.

Entretanto, a declaração XV, da Segunda daquelas reuniões, consagrada pelos votos de todos os Estados da América, estabeleceu:

> "Que todo atentado de um Estado não americano contra a integridade ou a inviolabilidade do território e contra a soberania ou independência política de um Estado americano será considerada como um ato de agressão contra os Estados que assinaram esta Declaração".

Consequentemente, o atentado contra a integridade do território e a soberania dos Estados Unidos deveria ser considerado como ato de agressão ao Brasil, determinando a nossa participação no conflito e não a simples declaração de solidariedade com o agredido, seguida, algum tempo depois, da interrupção das relações diplomáticas, com os Estados agressores.

Sem consideração para com essa atitude pacífica do Brasil e sob o pretexto de que precisava fazer guerra total à grande nação americana, a Alemanha atacou e afundou, sem prévio aviso, diversas unidades navais mercantes brasileiras, que faziam viagens de comércio, navegando dentro dos limites do "Mar Continental", fixados na Declaração XV de Panamá.

A esses atos de hostilidade, limitamo-nos a opor protestos diplomáticos, tendentes a obter satisfações e justa indenização, reafirmando, porem, nesses documentos, nossos propósitos de manter o estado de paz.

Maior prova não era possivel, da tolerância do Brasil e de suas intenções pacíficas.

Ocorre, porem, que agora, com flagrante infração das normas de Direito Internacional e dos mais comezinhos princípios de humanidade, foram atacados, na costa brasileira, viajando em cabotagem, os vapores "Baependí" e "Anibal Benévolo", do Loide Brasileiro, Patrimônio Nacional, o "Arará" e o "Araraquara", do Loide Nacional S. A., e o "Itagiba", da Cia. Navegação Costeira, os quais transportavam passageiros militares e civís e mercadorias, para portos do norte do país.

Não há como negar que a Alemanha praticou contra o Brasil atos de guerra, criando uma situação de beligerância que somos forçados a reconhecer na defesa da nossa dignidade, da nossa soberania e da nossa segurança, e da América, e a repelir na medida das nossas forças.

Oswaldo Aranha

MANIFESTAÇÕES DOS TRABALHADORES NACIONAIS E DOS FUNCIONÁRIOS DO ESTADO

Aceito pelo Governo o estado de guerra provocado pela agressão do Eixo à soberania nacional, o país inteiro manifestou ao Sr. Presidente da República a sua solidariedade. No Rio de Janeiro e em todos os Estados, grandes comícios efetuaram-se, em apoio à atitude de Sua Excelência, e a imprensa, unânime e vibrantemente, profligou a afronta sofrida pelo Brasil sem nenhum ato nosso que a justificasse. Correspondendo ao sentimento geral, os trabalhadores e os funcionários públicos do Distrito Federal, depois dos universitários e da mulher brasileira em numerosa e emocionante visita, foram ao Palácio Guanabara empenhar ao Chefe do Estado o seu firme propósito de cooperar com Sua Excelência no apresto e na defesa da Nação reclamados pelas circunstâncias. As duas manifestações realizaram-se, a primeira a 2 e a segunda a 3 de setembro. Recebendo os trabalhadores e os funcionários do Estado, o Presidente Getulio Vargas falou-lhes entre aclamações patrióticas e os mais entusiásticos aplausos.

O Presidente da República e a Senhora Getulio Vargas recebendo, no Palácio Guanabara, as senhoras que foram oferecer um terço à Exma. Esposa do Chefe do Governo

As senhoras da sociedade do Rio, no Palácio Guanabara





O Estádio do "Vasco da Gama", na ocasião do discurso do Presidente Getulio Vargas

Os trabalhadores em manifestação de solidariedade ao Chefe do Governo pela aceitação do estado de guerra



O Chefe do Governo agradecendo a manifestação de solidariedade dos trabalhadore

O Chefe do Governo falando aos funcionários públicos, na sacada do Palácio do Catete

A manifestação de solidariedade dos funcionários públicos ao Chefe do Governo, depois de aceito o estado de guerra

EXCERPTOS DO DISCURSO DO CHEFE DO GOVERNO AOS TRABALHADORES NACIONAIS

"Se os inimigos da Pátria tiveram o intuito de, com a brutal e inesperada agressão que nos fizeram, intimidar o Brasil para que se alterassem os rumos da sua política internacional, vendo um espetáculo como esta presença dos trabalhadores nacionais, deverão estar profundamente desapontados".

———— o ————

"O Brasil não treme nem recua diante de ameaças ou agressões. Ao contrário, elas estimulam o brio dos brasileiros, unem os espíritos, levantam os corações, fazendo que todos se ergam com o mesmo pensamento, a mesma conciência, a mesma compreensão do perigo comum, ante a necessidade de se conjugarem para a defesa da Pátria".

———— o ————

"O trabalhador brasileiro não ignora os métodos que os alemães usam para com os trabalhadores dos paises por eles invadidos. Sabem qual tem sido a sorte dos operários e técnicos franceses, belgas, holandeses, noruegueses, tchecos e os dos outros territórios por eles ocupados, todos tangidos como rebanhos, para trabalhar como escravos".

———— o ————

"Se temos nas nossas fábricas e nas nossas oficinas indivíduos pertencentes aos paises nossos inimigos ou deles descendentes, não os expulsemos; antes, obriguemo-los a trabalhar para o Brasil. Não façamos com eles o que, na Europa, foi feito com os trabalhadores escravizados, mas obriguemo-los a trabalhar sob as vistas e sob a fiscalização do trabalhador brasileiro".

O DISCURSO DO CHEFE DO GOVERNO AOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS

"Servidores públicos do Brasil.

Ontem, disse aos trabalhadores brasileiros o que lhes cumpria fazer nesta hora grave da nacionalidade.

A adesão e o entusiasmo das classes trabalhistas deram-me a segurança de que nada há de faltar ao país para resolver, satisfatoriamente, os problemas da produção numa economia de guerra.

Agora, cumpre-me dizer-vos o que espero de vós, que sois as peças propulsoras da máquina administrativa.

E' preciso não esquecer que chegou a hora dos sacrifícios, das renúncias, do serviço sem horário, dos esforços sem conta.

Não quisemos a guerra. Ela nos foi imposta de maneira brutal, com perdas de vida de civís e militares. Ela nos foi declarada, tacitamente, com um massacre premeditado, a algumas milhas da costa brasileira. Não quisemos a guerra; mas os que nô-la impuseram verão que não ficará impune a injúria à nossa soberania.

Se tivermos de entrar em operações bélicas, conto que cada homem, cada mulher, cada funcionário de qualquer categoria, saberá proceder de acordo com as circunstâncias, tornando-se um combatente no seu setor, multiplicando esforços, auxiliando, por todos os meios e modos, os soldados incumbidos da defesa armada do Brasil.

E' necessário não vacilar, não temer, manter permanente vigilância contra todas as formas de derrotismo e de fraqueza. O que outros povos teem podido fazer, criando e forjando as suas armas sob o fogo mortífero dos combates, destruindo tudo que aproveite ao inimigo, sobrepondo-se a todas as contingências, tambem os brasileiros saberão fazer, e o farão, se houver necessidade. Ao contrário, enquanto não se verificar tal emergência, é preciso poupar, amealhar, economizar, o que vos pertence e o que é do Estado, para que possa servir, mais e melhor, quando for oportuno.

O que vos peço, e estou certo de que cumprireis, é pouco e é o bastante: disciplina, para que as tarefas sejam executadas sem perturbação; aplicação, para que o rendimento do vosso trabalho seja o máximo, sobrando-vos tempo para as obrigações auxiliares da defesa passiva, dos serviços de enfermagem, de cooperação espontânea no cuidado de velhos, crianças, enfermos e feridos; discreção, com o objetivo de evitar que se conheçam as vossas atividades e o inimigo possa aproveitar desse conhecimento, pois, para os serviços de informação de guerra, todos os dados podem ser preciosos; união, para reafirmar, em todas as circunstâncias, a vontade, a decisão de vencer.

Agradeço a vossa manifestação de solidariedade e concito-vos a tudo empenhar — vida, bens, tranquilidade, trabalho e futuro — na defesa da Pátria".

PASSAGEIROS E TRIPULANTES SALVOS

Barco salva-vidas, do *Baependi*, fotografado de um avião, antes de chegar à terra

Barco do *Baependi*, chegando à praia, em Sergipe, com sobreviventes

Barco salva-vidas, do *Baependí*, chegado à praia, em Sergipe, com sobreviventes

Praia, na costa de Sergipe, vendo-se um caminhão do Estado recolhendo sobreviventes e cadáveres

Praia da Atalaia, no município de Aracajú, vendo-se, ao fundo, o Rio Sergipe. Baleeira que trouxe náufragos do *Araraquara*

O náufrago do *Baependí*, 1.º Tenente do Exército, José Castelo Branco Verçosa, depois de verificar haver perdido sua esposa e um filho, com os quais viajava



As meninas Walderez, sobrevivente do *Itagiba*, filha do tripulante deste navio, Barros Cavalcante, e Vera Beatriz (com a boneca), filha do capitão Canto, salva do *Araraquara*

A menina Walderez, ao lado de seu pai, no Hospital da Beneficência Portuguesa, em Salvador

Um náufrago hospitalizado

O soldado Antonio Gomes, atingido na cabeça por um pedaço do mastro do *Itagiba*. Autoridades civis e militares em visita aos náufragos

Da direita para a esquerda: Sra. Adelaide Lemos Cavalcanti aflita por falta de notícia do seu marido, o sub-tenente Luiz Cavalcanti, de três filhos menores e um irmão. O 3.º sargento José Correia Santos e o carvoeiro José Rufino Santos

Náufragos do *Itagiba*, ainda com os salva-vidas de que se utilizaram para salvar-se

Em Valença: (1 e 2), capitão Tito Couto e sua esposa (3), o comerciante Benevides de Azevedo (4), Sr. Gentil Domingues da Silva (5), Dr. Simões, juiz de Valença (6), Sr. Epifanio de Andrade, com outros náufragos do *Itagiba*

Tripulantes do *Itagiba* e do *Arará* em Valença, Baía

Tripulantes do *Arará*



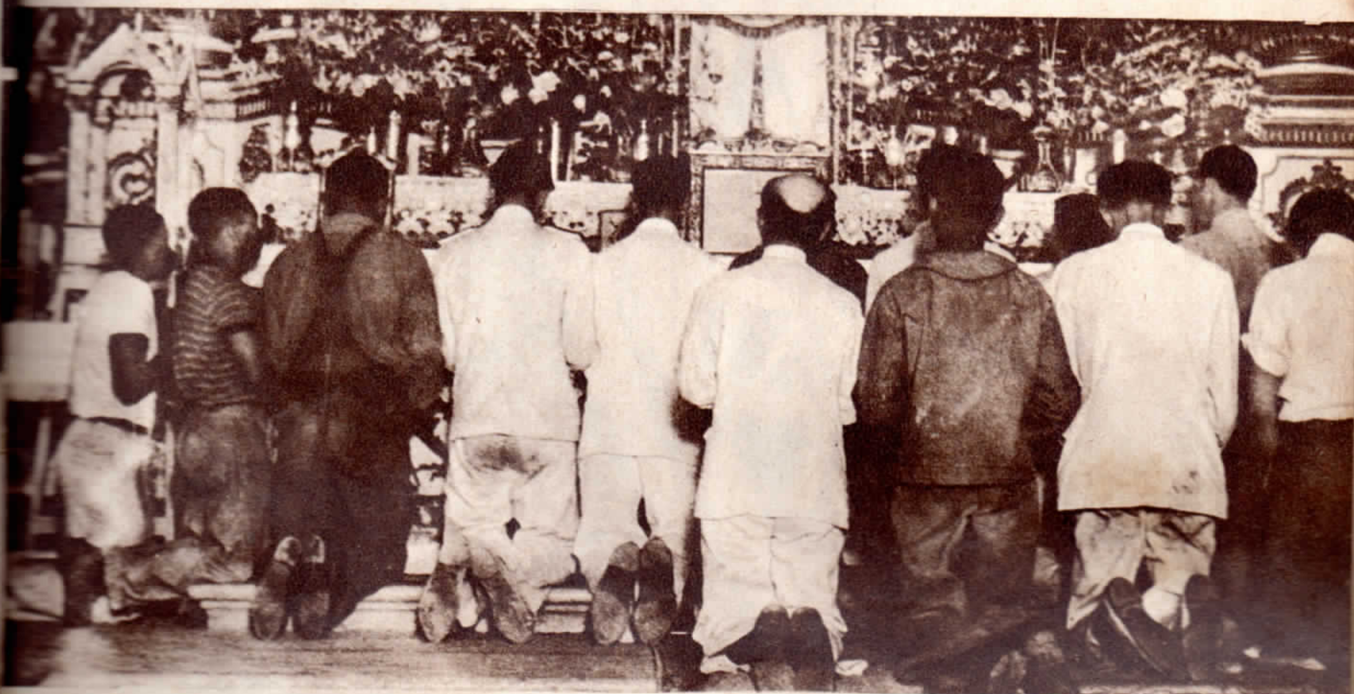
Capitão Lauro Moutinho Reis



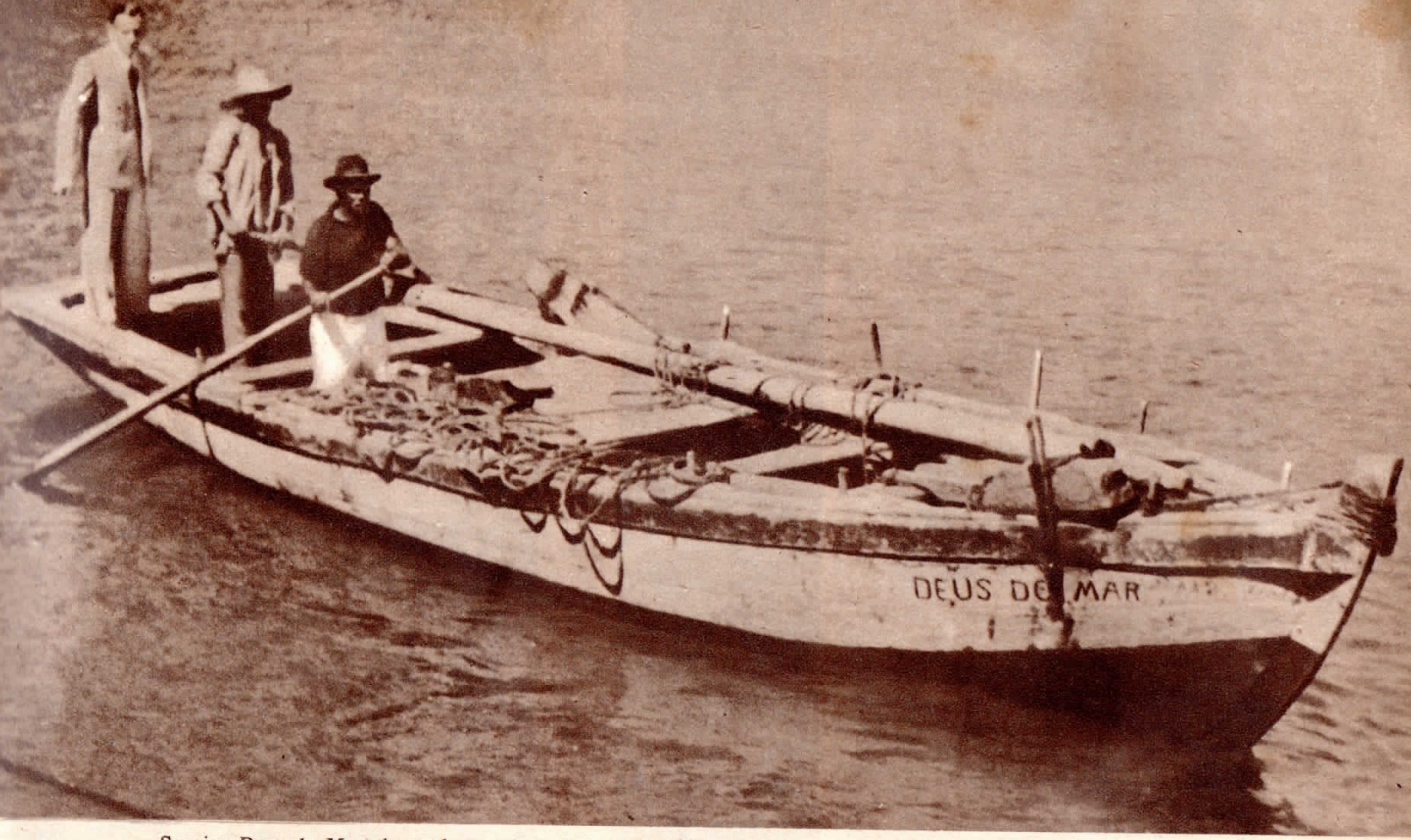
Soldado José Moreira Cristo



Soldado Wilson Goulart da Fonseca



Náufragos do *Itagiba* e do *Arará*, orando aos pés do Senhor do Bonfim, no altar-mor da igreja da Sagrada Colina



Saveiro *Deus do Mar,* do qual pescadores baianos assistiram ao torpedeamento do *Itagiba* e do *Arará*

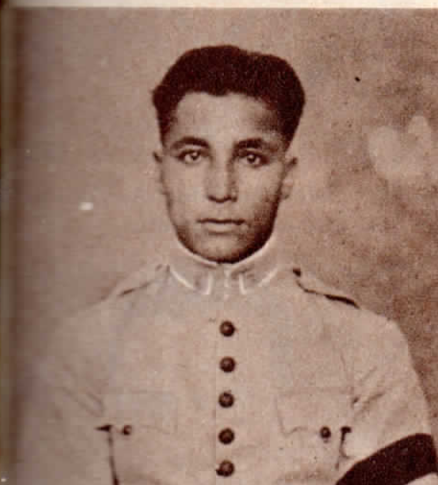
ALGUNS DOS MILITARES MORTOS NOS NAVIOS TORPEDEADOS



Major Landerico de Albuquerque Lima



Capitão Nestor Goes Ferreira



Capitão Osvaldo José Monteiro



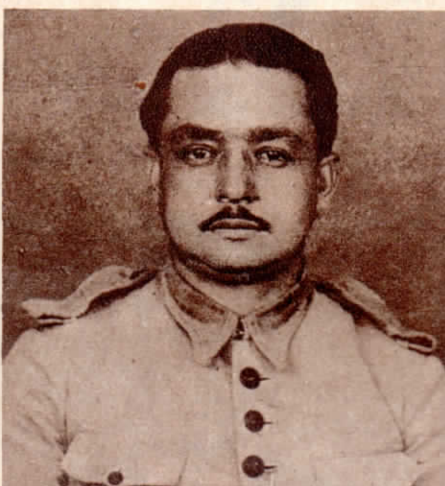
Tenente Luiz Claudio Assunção



Tenente José Alves Acioli



2.º Tenente Paulo Cesar de Paiva



Tenente Aguinaldo Soares Pereira



3.º Sargento João Sampaio Alves


2.º Tenente Osvaldo Machado


2.º Tenente Norberto Sílvio de Paiva Anciães


2.º Tenente Nelson Sales Pereira Leite


2.º Tenente Alberto Elisio Silveira


2.º Tenente Luiz Eduardo Villafane Gomes


2.º Tenente Eduardo Alexandre Baumann


2.º Tenente Paulo Moitinho Neiva


2.º Tenente Anibal de Souza Gonçalves


3.º Sargento Valdemar Figueiredo Lima


Tenente Alipio Napoleão Andrade Souza


Soldado João Carneiro Soares


Soldado Claudio Cruz Paes

A PALAVRA DO CHEFE DA NAÇÃO

SOBRE A ATITUDE DO BRASIL

Discurso pronunciado a 7 de Setembro, por ocasião da "Hora da Independência", no Estádio do "Vasco da Gama"

Brasileiros: A Comemoração do Dia da Independência, se teve, nos últimos anos, cunho de puro culto cívico, reveste-se, hoje, de significação maior, constitue, mesmo, acontecimento extraordinário na vida nacional.

Por um quarto de século, as festividades públicas eram ocasião para demonstrar os esforços do Brasil no sentido do progresso pacífico e acolher as representações de outros povos que vinham congratular-se conosco e compartilhar da nossa justa alegria.

A SEMANA DA PÁTRIA, neste ano de 1942, assume o carater de um movimento de mobilização geral das forças morais e materiais da Nação. Serve para conclamar os brasileiros ao cumprimento de obrigações penosas, impostas por circunstâncias incontrolaveis, para as quais não concorremos, mas a que temos de fazer frente com quantas energias possamos dispor.

Cultivando as boas relações com todos os povos, praticando uma política sadia de aproximação e concórdia, fomos, entretanto, surpreendidos com uma agressão brutal e inesperada, por parte de Estados que haviam desde tempos perdido o respeito de si próprios e não podiam, consequentemente, manter o respeito devido aos outros.

Como todos vós sabeis, em agosto último, navios da marinha mercante brasileira foram Pátria exigiam, imperativamente, a atitude uma ação deliberada e perversa de corsários sob a bandeira das nações de presa que lançaram o Mundo no mais sangrento conflito deste século.

O fato não constituia novidade, é certo. Desde que paises pacíficos e desarmados da Europa foram talados pelos carros de guerra. entrara em eclipse a conciência jurídica da Humanidade e atos nefandos praticavam-se diariamente, em desafio aos princípios de convivência civilizada. Opor-se ao arbítrio, observar normas de Direito, repelir imposições e restrições violentas à soberania de cada nação, era colocar-se sob a ameaça da força bruta, servida pela técnica aprimorada de oprimir e matar.

Tivemos a dignidade de revidar afrontas; guardámos o respeito a nós próprios, defendendo tenazmente a nossa forma de viver e os nossos deveres continentais, e, por isso mesmo, fomos agredidos e mais de seiscentos brasileiros perderam a vida numa emboscada marítima executada com requintes de ináudita crueldade.

A vossa reação, brasileiros, esteve à altura da ofensa.

Protestastes com indignação, solicitastes, por todas as formas de expressar a vontade popular, que o Governo declarasse guerra aos agressores, e assim foi feito.

A honra e os interesses mais sagrados da Pátria exigiam, imperativamente, a atitude

que tomámos. Agora, nos sentimos de conciência tranquila, resolutos e dispostos a defender os brios legítimos do nosso povo, que nunca se ajustou às atitudes de servo e há de prosseguir independente e soberano.

A declaração do estado de beligerência colocou-nos na posição de combatentes, e, de acordo com ela, já assentámos os planos de trabalho e de ação. Militarmente, teremos de completar a mobilização para fazer face às necessidades efetivas da guerra. No setor econômico, chefes de empresa e operários cerram fileiras em torno do Governo; e, estou certo, em benefício coletivo, ninguem poupará esforços ou bens. Os dissídios classistas e os choques de natureza política não nos farão, felizmente, perder tempo.

Existe, generalizada, a firme compreensão de que precisamos, uninos, esquecer divergências e particularismos, para só cuidarmos dos objetivos supremos da defesa da Pátria.

A frente interna, coesa e decidida a arrostar, de ânimo viril, qualquer emergência; as forças armadas, prontas a repelir qualquer golpe: tudo isto constitue o magnífico espetáculo da vida brasileira, neste momento grave da nacionalidade.

Qualquer inimigo que pise o solo pátrio, sobrevoe as nossas cidades ou infeste o mar territorial, receberá o mesmo castigo infligido aos submarinos que, numa prática de pirataria, investiram contra a nossa navegação costeira e foram afundados pelos intrépidos e eficientes pilotos das nossas forças aéreas.

Seremos implacaveis no combate aos invasores e aos seus agentes, infiltrados, traiçoeiramente, no meio das nossas populações laboriosas. Não importará isso em quebra do nosso sentimento comprovado de hospitalidade. Os nacionais dos paises com os quais estamos em guerra que aquí vieram e construiram os seus lares de forma regular e honesta, nada devem receiar enquanto permanecerem entregues ao trabalho, obedientes à lei e prontos a colaborar nas atividades defensivas do país. De modo bem diverso serão tratados os que, traindo os compromissos assumidos e ludibriando o nosso acolhimento generoso, auxiliarem de alguma forma os inimigos, com eles mantiverem entendimentos, espionando ou fazendo sabotagem. A esses aplicaremos com rigor as leis de guerra. E em relação aos semeadores de boatos e derrotistas de qualquer nacionalidade, nenhuma complacência existirá. Serão segregados do meio social, reduzidos à condição de suspeitos e declarados indignos da cidadania brasileira.

Povo pacífico, educado nas virtudes cristãs, não cultivamos pendores guerreiros, mas faremos como os cidadãos pacatos e trabalhadores assaltados na própria casa: — devolveremos golpe por golpe, resistindo, por todas as formas concebiveis, aos que pretendem oprimir-nos. Nada nos deterá nessa determinação. Ameaças, injúrias ou violências servirão apenas para acrescer a nossa combatividade e tornar mais forte a reação.

As consequências da luta em que nos empenhamos e que decidirá dos destinos do Mundo não podem causar-nos apreensões. Os privilégios de casta, os preconceitos raciais, as desigualdades de fortuna, as opressões de classe, os ódios mesquinhos, todos os valores aparentemente inconciliaveis da civilização contemporânea, hão de fundir-se nesse incêndio de vastas proporções, em holocausto ao surto de uma nova era. O Brasil, como país jovem, de estrutura social plástica, rico de possibilidades e com uma formação de equilíbrio adaptavel a todas as transformações, está, naturalmente, projetado para o futuro, e nele terá de encontrar a solução definitiva das equações de seu progresso. Não deve, portanto, temer os dias vindouros e os sacrifícios inevitaveis que lhe assegurarão o direito de colaborar nas renovações de ordem política e econômica que resultarem desse tremendo choque de poderios, mentalidades e culturas.

A causa que defendemos desperta o sentimento de justiça das conciências livres, trazendo-nos a solidariedade dos povos do Continente, através dos seus governos e homens representativos. Todas as nações americanas compreendem que estão sob a ameaça de idênticos perigos e sujeitas a idênticos atos de brutalidade e violência. Isolar-se equivale a expor-se mais facilmente à cobiça dos conquistadores. A união nacional e a união continental são os imperativos da hora presente, e, por isso, só temos motivos para regosijar-nos diante das manifestações de simpatia e apoio recebidas dos outros povos americanos em

hora de tamanhas apreensões e responsabilidades.

Foram os Estados Unidos a primeira nação do Continente a sofrer o golpe da insídia e o ataque armado; e a solidariedade que lhe demos, então, sem hesitações, nós a sentimos retribuida, agora, de forma inequívoca, no apoio fraternal do seu valoroso povo e na colaboração para repelir pelas armas a agressão à nossa soberania. Tudo isso significa a existência de um movimento unânime de repúdio e adesão nos povos americanos. E, aquí mesmo, ao nosso lado, temos a honra e o orgulho de ver, como testemunho direto desse espírito de compreensão fraternal, a figura por tantos títulos respeitavel e prestigiosa do General Agustin Justo, nosso hóspede e companheiro de armas, que bem representa, neste momento, com o seu gesto generoso e cavalheiresco, os sentimentos da sua nobre Pátria e a forma ativa dos ideais americanistas.

Brasileiros: Estou certo da vossa lealdade, da vossa coragem, do vosso ânimo para enfrentar a luta.

A exaltação patriótica, a vibração cívica, o calor de brasilidade, postos nestas comemorações do DIA DA INDEPENDÊCIA, revelam, acima de tudo, o grau de homogeneidade dos nossos sentimentos e das nossas disposições de repetir e reafirmar o sentido heróico da nossa história e a inflexivel decisão de vencer.

Combatendo até à vitória decisiva, seremos dignos da América, Continente de homens livres, e do Brasil, Pátria grande e gloriosa, merecedora de todas as renúncias e todos os sacrifícios.

CONCLUSÃO

As narrações e o documentário consignados nestas páginas demonstram, objetivamente, o carater da agressão cometida pela Alemanha e Itália à soberania do Brasil. Fomos atacados injusta e traiçoeiramente, defronte das nossas praias acolhedoras e quando os nossos cinco navios navegavam sem a proteção de qualquer elemento de defesa e revide. Afora o *Arará,* que trazia a seu bordo, apenas, equipagem, os outros barcos conduziam passageiros, entre os quais se encontravam mulheres e crianças. Navegavam todos eles em viagens de comércio ordinário, para portos nacionais, transportando, como se viu, alem de mercadorias no valor de Cr$ 30.155.597,20, 837 brasileiros, 652 dos quais pereceram, vítimas dos inominaveis torpedeamentos.

Semelhante provocação, depois do afundamento, em águas afastadas, de várias outras unidades da nossa frota mercante, surpreendeu e revoltou a generosa alma brasileira, pois os nossos navios não se achavam em nenhuma zona de guerra ou bloqueio, nem levavam auxílio a adversário das potências do Eixo.

A agressão da Alemanha e Itália à soberania nacional veio, assim, estender a guerra, inesperadamente, à América do Sul. E o Brasil houve de reconhecer a situação de beligerância criada pelos dois paises agressores, cujos súditos, no momento, gozavam da segurança e benevolência das autoridades nacionais.

Entrámos na guerra provocados, em defesa da nossa soberania e da nossa dignidade afrontosamente ofendidas.

APÊNDICE

CARACTERÍSTICAS DOS CINCO NAVIOS

"BAEPENDÍ" — Ex-nome: "Tijuca"

Construção : Data : 1899.

País : Alemanha.

Máquinas : Força em cav. indicados 2.250.

Casco : — aço.

CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

Dimensões em metros :

Comprimento..........	119.00m
Boca..................	14.10m
Pontal................	9.26m

Número de cobertas — 2.
Cavalos indicados — 2.250.

Velocidade horária :

Máxima.............	11 milhas
Econômica...........	8 milhas

Tonelagem :

Bruta..................	4.801
Líquida.................	3.066
Deadweight (P. morto) ...	6.290

Capacidade dos porões c/o abat. 15% para cargas de vários gêneros

Total em pés cúbicos — 255.380

Carvoeiras — Capacidade em tons. :

Óleo 850

Tanques — Capacidade em tons. :

Lastro.................... 630

Calado :

Máximo.................	25'—
Mínimo.................	10'—

Acomodações em uso p/passageiros:

(lotação)

1.ª classe	75
3.ª classe c/camarotes	244

NAVIO MOTOR "ARARAQUARA"

PROPRIETÁRIO — Loide Nacional S.A.

ARMAÇÃO — Iate.
BOCA — 16,370 m.
PONTAL — 7,440 m.
CALADO — 5,410 m.
APARELHO MOTOR — 2 motores.
PROPULSORES — 2 hélices.
VELOCIDADE — 12 milhas.
EQUIPAGEM — 73.
PASSAGEIROS — 118.

INSCRIÇÃO — Em 1927, sob o n. 42, na Capitania dos Portos do Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro.

CONSTRUTOR — Cantiere Navale — Trieste — Itália.

TONELAGEM BRUTA — 4.871.
TONELAGEM DE REGISTO — 2.974.
COMPRIMENTO — 117,970 m.

"ANIBAL BENÉVOLO"— Ex-"Comandante Alvim"

Construção

Data — 1905.
País — Alemanha.

Máquina

Força em cav. nominais — 1.264.
Casco — Aço.

Dimensões em metros

Comprimento	86.00m
Boca	11.50m
Pontal	6.62m
Número de cobertas	1

Velocidade horária :

Máxima	10 milhas
Econômica	8 milhas

Tonelagem :

Bruta	1.905
Líquida	984
Deadweight (P. morto)	1.470

Capacidade dos porões c/o abat. 15%

p. cargas de vários gêneros

Total em pés cúbicos	57.324

Carvoeiras — Capacidade em tons.:

Carvoeira	300

Tanques — Capacidade em tons.:

Água potavel	515

Calado médio

Máximo	14'2"
Mínimo	8' —

Acomodações em uso p/passageiros

(lotação)

1.ª classe	93
3.ª classe c/camarotes	61

VAPOR "ITAGIBA"

PROPRIETÁRIO — Companhia Nacional de Navegação Costeira.

ARMAÇÃO — Escuna.

SERVIÇO — Carga e passageiros.

INSCRIÇÃO — Na Capitania dos Portos do Distrito Federal e Estado do Rio de Janeiro, em 1915, sob o n. 236.

CONSTRUTORES — Ailsa S/B. & Co. Ltd., de Troon — Inglaterra.

TONELAGEM BRUTA — 2.055.

TONELAGEM DE REGISTO — 927.

COMPRIMENTO — 87,550 m.

BOCA — 13,070 m.

PONTAL — 5,610 m.

CALADO — 4,090 m.

APARELHO MOTOR — 2 máquinas a vapor.

PROPULSORES — 2 hélices.

VELOCIDADE — 10 milhas horárias.

EQUIPAGEM — 60.

PASSAGEIROS — 139.

VAPOR "ARARÁ"

PROPRIETÁRIO — Loide Nacional S.A.

ARMAÇÃO — Escuna.

SERVIÇO — Carga.

INSCRIÇÃO — Na Capitania dos Portos do Estado do Rio de Janeiro e Distrito Federal, em 1928, sob o n. 401.

CONSTRUTORES — Hawthorn, Leslie & Co. Ltd. — de New Castle on Tyne — Inglaterra — em 1907.

TONELAGEM BRUTA — 1.075.

TONELAGEM DE REGISTO — 655.

COMPRIMENTO — 73,260 m.

BOCA — 17,550 m.

PONTAL — 3,960 m.

CALADO — 2,800 m.

APARELHO MOTOR — Máquina de tríplice expansão, com a força de 570 HP., acionada por duas caldeiras.

MARCHA — 7 milhas horárias.

EQUIPAGEM — 75 homens.

NOTA — Este navio, na data do seu torpedeamento, estava arrendado à Companhia Nacional de Navegação Costeira.

PASSAGEIROS E TRIPULANTES DOS CINCO NAVIOS

BAEPENDI

RELAÇÃO DOS TRIPULANTES

1. João Soares da Silva — Comandante, desaparecido.
2. Antonio Diogo de Queiroz — Imediato, desaparecido.
3. Alicio Borges Tavares — 1.º Piloto, salvo.
4. Frutuoso Egidio Chaves — 2.º Piloto, desaparecido.
5. Balthazar Santos Pereira—1.º Radiotelegrafista, salvo.
6. Lidio Freire de Carvalho — 2.º Radiotelegrafista, desaparecido.
7. Adolfo Arthur Kern — 1.º Maquinista, salvo.
8. Manuel Lelis de Assumpção — 2.º Maquinista, desaparecido.
9. Sebastião Moura de Andrade — 3.º Maquinista, desaparecido.
10. David Ferreira Gomes — 3.º Maquinista, desaparecido.
11. José Herculano Santos Dias — 3.º Maquinista, desaparecido.
12. Emanuel Levi Paiva de Morais — 3.º Maquinista, desaparecido.
13. Sebastião Ferreira Tarouquela — 1.º Comissário, desaparecido.
14. Mario Ferreira Barros — 2.º Comissário, desaparecido.
15. José Guerra — 2.º Comissário, salvo.
16. Stelio Peixoto de Azevedo — Médico, desaparecido.
17. Wagner de Oliveira Braga — Conferente, desaparecido.
18. Pascácio Calado — Enfermeiro, salvo.
19. Roberto Ferreira Salgado — Contra-Mestre, desaparecido.
20. José Rodrigues Campelo — Carpinteiro, desaparecido.
21. João Alves Caldas — Marinheiro, salvo.
22. Emilio Ferreira de Morais — Marinheiro, desaparecido.
23. Antonio Joaquim dos Santos — Marinheiro, salvo.
24. Eustaquio Dias dos Santos — Marinheiro, salvo.
25. Manuel Francisco da Silva Pessoa — Moço, desaparecido.
26. Raymundo Corrêa da Silva — Moço, salvo.
27. Deoclides Gomes da Silva — Moço, salvo.
28. Napoleão Ferreira Nobrega — Moço, desaparecido.
29. Henrique Francisco dos Santos — Moço, salvo.
30. Cicero Sebastião da Silva — Moço, desaparecido.
31. Arsenio José dos Santos — Moço, desaparecido.
32. Augusto Caetano de Medeiros — Moço, salvo.
33. Zacarias da Conceição — Moço, salvo.
34. Aristides Francisco de Almeida — Cabo-foguista, desaparecido.
35. José Quintino dos Santos — Cabo-foguista, desaparecido.
36. João Alves da Silva — Cabo-foguista, desaparecido.
37. Julio Gomes da Silva — Cabo-foguista, desaparecido.
38. Euclides Manuel do Nascimento — Cabo-foguista, desaparecido.
39. Antonio Ferreira da Silva — Foguista, desaparecido.
40. Alfredo Cardoso da Silva — Foguista, desaparecido.
41. Francisco de Castro — Foguista, salvo.
42. Minervino Severiano de Souza — Carvoeiro, salvo.
43. Raul Olimpio da França — Carvoeiro, desaparecido.
44. Severino Teles dos Santos — Carvoeiro, salvo.
45. José Vicente da Silva — 1.º Cozinheiro, desaparecido.

46. Eliodoro Lins Cavalcanti — 2.º Cozinheiro, desaparecido.
47. Antonio Luciano da Silva — 2.º Cozinheiro, desaparecido.
48. Arlindo Monteiro da Silva — 3.º Cozinheiro, salvo.
49. Luiz Vargas — Adj. Cozinha, salvo.
50. José Correia de Melo — Padeiro, desaparecido.
51. Joaquim Jesus de Brito — Paioleiro, desaparecido.
52. Deocleciano Ramos da Silva — Botequineiro, desaparecido.
53. Eduardo Rodrigues Uchôa — Copeiro, desaparecido.
54. Maria José Ferreira — Camareira, desaparecida.
55. José Joaquim Esteves Filho — Taifeiro, desaparecido.
56. Joaquim Mendonça de Souza — Taifeiro, desaparecido.
57. Francisco Rodrigues de Faria — Taifeiro, desaparecido.
58. Manuel Messias dos Santos — Taifeiro, desaparecido.
59. Francisco Marques Cavalcanti — Taifeiro, desaparecido.
60. Luiz Vilanova — Taifeiro, desaparecido.
61. Manuel Ribeiro da Silva — Taifeiro, desaparecido.
62. José Mosqueira Gonzalez — Taifeiro, desaparecido.
63. Raimundo do Carmo Vidal — Taifeiro, desaparecido.
64. Joaquim Corrêa de Oliveira — Taifeiro, desaparecido.
65. José Bispo dos Santos — Taifeiro, desaparecido.
66. Ulisses Chaves da Silva — Taifeiro, desaparecido.
67. Antonio Torquato — Taifeiro, desaparecido.
68. Raimundo Cavalcanti da Silva — Taifeiro, desaparecido.
69. Manuel Ferreira Cavalcanti — Taifeiro, desaparecido.
70. João Ribeiro de Souza — Barbeiro, desaparecido.
71. Clovis Brandão — Pianista, desaparecido.
72. Higino Severino Pessoa — Baterista, desaparecido.
73. Celso Andrade Pereira Lyra — Saxofonista, desaparecido.

RELAÇÃO DOS PASSAGEIROS

Embarcados no Rio de Janeiro:

Para Recife :

1. Dulce Mota Haydt — Desaparecida.
2. Landerico de Albuquerque Lima — Desaparecido.
3. Netor Góes Ferreira — Desaparecido.
4. Lailad Salgado Ferreira — Desaparecida.
5. Niréa Ferreira — Desaparecida.
6. Marion Ferreira — Desaparecida.
7. José Joel Marcos — Salvo.
8. José Castelo Branco Verçosa — Salvo.
9. Ruth Cruz Castelo Branco — Desaparecida.
10. Nilson Cruz Castelo Branco — Desaparecido.
11. Lauro Moutinho dos Reis — Salvo.
12. Luiz Claudino Assunção — Desaparecido.
13. José Alves Acioli — Desaparecido.
14. Lucilia Lima Acioli — Desaparecida.
15. Helena Ferreira Acioli — Desaparecida.
16. Lourdes Acioli — Decaparecida.
17. José Acioli — Desaparecido.
18. Oswaldo José Montana — Desaparecido.
19. Otilia de Souza Cosme — Desaparecida.
20. Gilberto Lima — Salvo.
21. Pedro Dionisio Pereira — Desaparecido.
22. Elza Ferreira — Desaparecida.
23. Pedro Pereira — Desaparecido.
24. Elcio Pereira — Desaparecido.
25. Manoel Pereira — Desaparecido.
26. Aguinaldo Soares Pereira — Desaparecido.
27. Luiz França Corrêa — Desaparecido.
28. Diva Baptista Corrêa — Desaparecido.
29. Vicente de Paula Souza Pulcherio — Salvo.
30. Djanira Baptista Pulcherio — Desaparecida.
31. Jorge Tramotim — Salvo.
32. Benjamin Ferreira — Desaparecido.
33. Lindonor Ferreira — Desaparecido.
34. Heleine Ferreira — Desaparecida.
35. Deidy Ferreira — Desaparecida.
36. Heloise Ferreira — Desaparecida.
37. Tadeu Scsocher — Desaparecido.
38. Alipio Lavay — Salvo.

39. Samuel Martins de Almeida — Desaparecido.
40. João Sampaio Alves — Desaparecido.
41. Renato de Amorim Garcia — Desaparecido.
42. Silvia de Amorim Garcia — Desaparecida.
43. Zamir de Oliveira — Salvo.
44. Viterbo Storry — Salvo.
45. Apolinario Ribeiro Lima — Desaparecido.
46. Aladel Sampaio — Desaparecido.
47. José Octaviano Ferreira da Cruz — Desaparecido.
48. Maria da Conceição — Desaparecida.
49. José Gabriel de Souza — Salvo.
50. Major Landerico de Albuquerque Lima — Desaparecido.
51. Cap. Nestor Góes Ferreira — Desaparecido.
52. Cap. Lauro Moutinho dos Reis — Salvo.
53. Cap. I/E Oswaldo José Montana — Desaparecido.
54. 1.º Tte. José Joel Marcos — Salvo.
55. 1.º Tte. José Castelo Branco Verçosa — Salvo.
56. 2.º Tte. Luiz Claudino de Assumpção — Desaparecido.
57. 2.º Tte. José Alves Acioly — Desaparecido.
58. Sub-Tte. Aguinaldo Soares Pereira — Desaparecido.
59. 1.º Sargt. Luiz Franca Correia — Desaparecido.
60. 1.º Sargt. Vicente de Paula Souza Pulcherio — Salvo.
61. 3.º Sargt. Jorge Tramontim — Salvo.
62. 3.º Sargt. Benjamin Ferreira — Desaparecido.
63. 3.º Sargt. Tadeu Scsocher — Desaparecido.
64. 3.º Sargt. Alipio Lavay — Salvo.
65. 3.º Sargt. Samuel Martins de Almeida — Desaparecido.
66. 3.º Sargt. João Sampaio Alves — Desaparecido.
67. Cabo Newton Mendonça Rezende — Desaparecido.
68. Soldado Dalmo de Medeiros — Desaparecido.
69. Soldado Pedro Melo Ferreira — Desaparecido.
70. Soldado Abel Dantas — Salvo.
71. Soldado Adalberto José de Souza — Desaparecido.
72. Soldado Alberto de Andrade Pereira — Desaparecido.
73. Soldado Alfredo Souza Filho — Desaparecido.
74. Soldado Alfredo Pereira Chaves — Desaparecido.
75. Soldado Altair da Cunha — Desaparecido.
76. Soldado Americo Rodrigues — Desaparecido.
77. Soldado Angelino Cassiano — Desaparecido.
78. Soldado Arnol Silva — Desaparecido.
79. Soldado Ayrton dos Santos — Desaparecido.
80. Soldado Benedito Paulo Viana — Desaparecido.
81. Soldado Claudionor Amaral Soares — Desaparecido.
82. Soldado Dario da Silva Dantas — Desaparecido.
83. Soldado Djalma Dias — Desaparecido.
84. Soldado Everaldo Cardoso Ferreira — Desaparecido.
85. Soldado Felipe Dias Ribeiro Sobrinho — Desaparecido.
86. Soldado Floriano Claudino da Silva — Desaparecido.
87. Soldado Francisco Caetano das Chagas Baptista — Desaparecido.
88. Soldado Francisco Fernandes Ourique Junior — Desaparecido.
89. Soldado Gastão dos Santos Filho — Desaparecido.
90. Soldado Gilberto de Oliveira Domingues — Desaparecido.
91. Soldado Godofredo Pinto de Vasconcelos — Desaparecido.
92. Soldado Guilherme Coelho Moreira — Desaparecido.
93. Soldado Guilherme Gomes — Desaparecido.
94. Soldado Helio da Silva Lins — Desaparecido.
95. Soldado Hermenegildo Francisco de Assis — Desaparecido.
96. Soldado Jair de Souza Barros — Desaparecido.

97. Soldado Jeremias Octavio de Carvalho — Desaparecido.
98. Soldado João Baptista Muniz do Amaral — Desaparecido.
99. Soldado João de França Ferreira — Desaparecido.
100. Soldado João de Almeida — Desaparecido.
101. Soldado João Portugal — Desaparecido.
102. Soldado Joaquim Figueiras Fernandes — Desaparecido.
103. Soldado Jorge Gomes de Carvalho — Desaparecido.
104. Soldado Jorge Henrique dos Santos — Desaparecido.
105. Soldado Gorgino Fonseca de Assis — Desaparecido.
106. Soldado Jorge José de Oliveira — Desaparecido.
107. Soldado Joseph Correia de Melo Oliveira — Desaparecido.
108. Soldado Manoel Augusto Aguilar — Desaparecido.
109. Soldado Manoel de Anunciação — Desaparecido.
110. Soldado Manoel de Souza Filho — Desaparecido.
111. Soldado Maurilio Figueiredo Barbosa — Desaparecido.
112. Soldado Milton Gemal — Desaparecido.
113. Soldado Moacyr Augusto Martins — Desaparecido.
114. Soldado Moacyr Gonçalves Rodrigues — Desaparecido.
115. Soldado Moysés Nunes Pereira — Desaparecido.
116. Soldado Natalino Pinto Ignacio — Desaparecido.
117. Soldado Nilton Louzada Teixeira — Desaparecido.
118. Soldado Norival da Silva Cardoso — Desaparecido.
119. Soldado Orlando Teixeira Soares — Desaparecido.
120. Soldado Odyr do Nascimento — Salvo.
121. Soldado Oswaldo da Costa Oliveira — Desaparecido.
122. Soldado Paulo Martins de Abrantes — Desaparecido.
123. Soldado Porfirio Mendes dos Santos Filho — Desaparecido.
124. Soldado Rubens Nunes de Oliveira — Desaparecido.
125. Soldado Sebastião Euzebio da Costa — Desaparecido.
126. Soldado Sebastião Ferreira da Silva — Desaparecido.
127. Soldado Sylvio Gomes de Abreu — Desaparecido.
128. Soldado Sylvio Morelli — Desaparecido.
129. Soldado Valdino de Souza Ortiz — Desaparecido.
130. Soldado Walter Pinto Brandão — Salvo.
131. Soldado Wilson David Domet — Desaparecido.
132. Soldado Newton Constantino Chaves — Desaparecido.
133. Soldado Francisco Muniz Alves Junior — Desaparecido.
134. Soldado Walter Ferreira da Silva — Salvo.
135. Soldado Oswaldo Ferreira Ariosa — Salvo.
136. Soldado Mario Lucio Barbosa Lima — Desaparecido.
137. Soldado Levy Bittencourt de Vasconcelos — Desaparecido.
138. Soldado Pedro Menezes — Desaparecido.
139. Soldado Osmar de Souza Ferraz — Desaparecido.
140. Soldado Adalberto Ferreira dos Santos — Desaparecido.
141. Soldado Anercides Garcia do Nascimento — Desaparecido.
142. Soldado Antonio Abrahão — Desaparecido.
143. Cabo José Araujo Guimarães — Desaparecido.
144. Soldado Adherbal Francisco Coelho — Desaparecido.
145. Soldado Antonio Duarte Morgado — Desaparecido.
146. Soldado Antonio José do Nascimento — Desaparecido.
147. Soldado Aprigio Guilherme Victorino — Desaparecido.
148. Soldado Bento da Silva Brito — Desaparecido.
149. Soldado Davino Orozimbo Cardoso — Desaparecido.
150. Soldado Edgard de Souza Pinto — Desaparecido.

151. Soldado Pedro Corrêa Ferreira — Desaparecido.
152. Soldado Eurico Filho de Oliveira — Desaparecido.
153. Soldado Fernando Pedro de Carvalho — Desaparecido.
154. Soldado Flavio Vieira Gomes — Desaparecido.
155. Soldado Geny Saraiva dos Santos — Desaparecido.
156. Soldado Humberto Gonçalves Roma — Desaparecido.
157. Soldado João Baptista Figueira — Desaparecido.
158. Soldado João da Silva — Desaparecido.
159. Soldado João marques — Desaparecido.
160. Soldado Jorge de Souza Martins — Desaparecido.
161. Soldado José Luiz Mastrangelo Staneck — Desaparecido.
162. Soldado José Marinho — Desaparecido.
163. Soldado José Salomão — Desaparecido.
164. Soldado Joviniano José de Oliveira — Desaparecido.
165. Soldado Joviniano Marques da Silva — Desaparecido.
166. Soldado Marcelio Barbosa — Desaparecido.
167. Soldado Manoel Rodrigues Vidal — Desaparecido.
168. Soldado Mauricio Ponciano dos Santos — Desaparecido.
159. Soldado João Marques — Desaparecido. recido.
170. Soldado Nathaniel Felinto de Oliveira — Desaparecido.
171. Soldado Norival Santana — Desaparecido.
172. Soldado Octacilio Soares — Desaparecido.
173. Soldado Orlando Moreira — Desaparecido.
174. Soldado Pedro Garcia de Araujo — Desaparecido.
175. Soldado Raymundo da Silva Ramos — Desaparecido.
176. Soldado Renato Redes — Desaparecido.
177. Soldado Roberto de Oliveira da Veiga — Desaparecido.
178. Soldado Rogerio Cardoso Parreira — Desaparecido.
179. Soldado Rubens Domingues dos Santos — Desaparecido.
180. Soldado Rubens Soares de Albuquerque — Desaparecido.
181. Soldado Sílvio Cristovão — Desaparecido.
182. Soldado Ubaldo Marinho — Desaparecido.
183. Soldado Waldir Cassiano — Desaparecido.
184. Soldado Walter Pacheco da Rocha — Desaparecido.
185. Soldado Hilton Araujo — Desaparecido.
186. Soldado José Teixeira de Souza — Desaparecido.
187. Soldado Wilson de Azevedo Teles de Noronha — Desaparecido.
188. Soldado Eleuterio Trindade — Salvo.
189. Cabo Teofanes Bispo dos Santos — Desaparecido.
190. Soldado Mozart Pereira da Luz — Desaparecido.
191. Soldado João Alfredo Costa Filho — Desaparecido.

Para Cabedelo :

192. Manuel Henrique de Oliveira — Desaparecido.
193. Jurandí Henrique Dias — Desaparecido.
194. Maria Ramos — Desaparecida.
195. Saturnino Lima da Silva (não embarcou).

Para Natal :

196. Paulo Cezar de Paiva — Desaparecido.
197. Venina Mendes — Desaparecida.
198. Walter Mendes — Desaparecido.
199. Dila Mendes — Desaparecida.
200. Francisco Cirilo Bonfim — Desaparecido.
201. Ana Bonfin — Desaparecida.
202. Corina Paula Bonfin — Desaparecida.
203. Jací Batista Bonfin — Desaparecida.
204. Doralice Nogueira Ribeiro — Desaparecida.
205. Maria Barbosa dos Santos — Desaparecida.
206. Teresinha Nogueira Ribeiro — Desaparecida.
207. Clesia Nogueira Ribeiro — Desaparecido.
208. Oswaldo Werthein — Desaparecido.

209. Elena Fracho Werthein — Desaparecida.
210. João Ibiapino do Nascimento — Desaparecido.
211. Olegário Guedes — Desaparecido.
212. Antonio T. Sobrinho — Desaparecido.
213. Manuel S. das Chagas — Desaparecido.
214. Valmaro S. Cardoso — Desaparecido.
215. Moacir Drumond — Desaparecido.

Para Fortaleza :

216. Pedro Fernandes da Costa — Desaparecido.
217. Isabel Fernandes da Costa — Desaparecida.
218. Francisco Mousinho — Desaparecido.

Para Belem :

219. Floriano de Freitas Ceará — Salvo.

Para Manáus :

220. Rosalina Sayd — Desaparecida.
221. Antonio Pinheiro de Lima — Desaparecido.
222. Manoel Cravino Cavalcanti — Desaparecido.
223. Joaquim Reginaldo Souza — Desaparecido.

Embarcados em Vitória:

224. Severina Luiz e Araujo — Desaparecida.
225. Adão Benezath — Desaparecido.
226. José Augusto Almeida — Desaparecido.
227. João Mariano Santos — Desaparecido.
228. João Pereira Farias — Desaparecido.
229. Manoel Bezerra Filho — Desaparecido.
230 a 234. Irineu Alves Araujo, esposa, três filhos com 4, 2, 1 anos — Desaparecidos.
235. Manoel Costa Silva — Desaparecido.
236. Alipio Souza Leite — Desaparecido.
237. Maria Lourdes Araujo — Desaparecida.
238. José Ramos Araujo — Desaparecido.
239. Odete, com seis meses — Desaparecida.

Embarcados em Salvador:

240. Antonio Campos Ferreira Santos — Desaparecido.
241. Vilma Fernandes Castello Branco — Salva.
242. Arlindo Menezes — Desaparecido.
243. José Peixoto Souza — Desaparecido.
244. Walter Chaves Carvalho — Desaparecido.
245. Raymunda Pio da Silva — Desaparecida.
246. Zafira Pereira Lima — Desaparecida.
247. Ivonete Pereira Lima — Desaparecida.
248. Ivonè Lima Guimarães — Desaparecida.
249. Eduardo Manoel Paiva — Desaparecido.
250. Lourenço Cavancante Amorim — Desaparecido.

ARARAQUARA

RELAÇÃO DOS TRIPULANTES

1. Lauro Augusto Teixeira de Freitas — Comandante, desaparecido.
2. João Fernandes Bio — Imediato, desaparecido.
3. Milton Fernandes da Silva — 1.º Piloto, salvo.
4. Benedicto Iunes — 2.º Piloto, desaparecido.
5. João Vassalo de Barros — 2.º Piloto, desaparecido.
6. Jayme Teixeira de Freitas — Pte. Piloto, desaparecido.
7. Dr. Carlos Ramos de Azambuja — Médico, desaparecido.
8. Odilon Muniz Barreto — 1.º Rádio, desaparecido.
9. Carlos Saraiva Alonso — 2.º Rádio, desaparecido.
10. José Martins Reis Junior — C. Mestre, desaparecido.
11. Octacilio Gomes da Silva — Carpinteiro, desaparecido.
12. José Rufino dos Santos — Marinheiro, salvo.
13. Francisco José dos Santos — Marinheiro, salvo.
14. Manoel Francisco da Silva — Marinheiro, desaparecido.
15. Manoel Martins de Souza — Marinheiro, desaparecido.
16. Melchizedeck de Carvalho — Marinheiro, desaparecido.
17. Luiz Gonzaga Freire — Marinheiro, desaparecido.
18. João Ferreira dos Santos — Marinheiro, desaparecido.
19. Sebastião Simões dos Anjos — Moço, desaparecido.

20. Mario Gomes da Silva — Moço, desaparecido.
21. Jayme Gomes Pinto — Moço, desaparecido.
22. Pedro da Motta Silveira — Moço, desaparecido.
23. Esmerino Elias Siqueira — Moço, desaparecido.
24. João Dias Pinto — Moço, desaparecido.
25. Carlos dos Santos Pires — Moço, desaparecido.
26. Wlademiro Mattos — 1.º Maquinista, desaparecido.
27. Christovão Machado — 2.º Maquinista, desaparecido.
28. Erothildes Bruno de Barros — 3.º Maquinista, salvo.
29. Manoel Serejo Linhares — 3.º Maquinista, desaparecido.
30. Amaro Antunes de Almeida — 3.º Maquinista, desaparecido.
31. Aurelio Delgado Serviço — 3.º Maquinista, desaparecido.
32. Luiz Rangel da Silva — 3.º Maquinista, desaparecido.
33. Manfredo Bezerra — 3.º Maquinista, desaparecido.
34. José Farias da Paixão — 3.º Maquinista, desaparecido.
35. Graciliano M. Assumpção — Pte. Máquinas, desaparecido.
36. Acacio de Souza Machado — 1.º Eletricista, desaparecido.
37. Olegario de Souza Junior — 2.º Eletricista, desaparecido.
38. Pedro Vieira — C. Caldeirinha, desaparecido.
39. Abdon Corcino de Medeiros — C. Foguista, desaparecido.
40. Henrique Guedes de Moura — Foguista, desaparecido.
41. Moysés Joaquim de Oliveira — Foguista, desaparecido.
42. Santino Vicente — Foguista, desaparecido.
43. Vicente Ferreira da Silva — Foguista, desaparecido.
44. José Alves de Mello — Carvoeiro, salvo.
45. Francisco Freitas Barboza — Carvoeiro, desaparecido.
46. Enoch Sandes Oliveira e Silva — 1.º Comissário, desaparecido.
47. Paschoal Visconti — 2.º Comissário, desaparecido.
48. Francisco Xavier Dias — 1.º Cozinheiro, desaparecido.
49. José Laurentino dos Santos — 2.º Cozinheiro, desaparecido.
50. Jeronymo Benedicto da Silva — 2.º Cozinheiro, desaparecido.
51. Manoel Rodrigues de Oliveira — 3.º Cozinheiro, desaparecido.
52. Sebastião Jardim dos Anjos — Padeiro, desaparecido.
53. Irineu Pereira da Silva — Paioleiro, desaparecido.
54. Oswaldo Andrade — Lavador, desaparecido.
55. Amarilio Lins das Neves — Taifeiro, desaparecido.
56. José Calazans dos Santos — Taifeiro, desaparecido.
57. Milton Soares da Silva — Taifeiro, desaparecido.
58. Antonio Tavares dos Santos — Taifeiro, desaparecido.
59. Oliveiros Rodrigues Lucena — Taifeiro, desaparecido.
60. Severino Chagas Coutinho — Taifeiro, desaparecido.
61. Antonio Miranda da Silva — Taifeiro, desaparecido.
62. Adão Brasil Rodrigues — Taifeiro, desaparecido.
63. Celso Rosas da Silva — Taifeiro, desaparecido.
64. Pedro Bezerra Wanderley — Taifeiro, desaparecido.
65. José Elias Filho — Taifeiro, desaparecido.
66. João Pereira de Lima — Taifeiro, desaparecido.
67. Roque Martins da Silva — Taifeiro, desaparecido.
68. João de Oliveira Filho — Taifeiro, deparecido.
69. Miguel Alves das Chagas — Taifeiro, desaparecido.
70. Pedro Mauricio de Souza — Taifeiro, dessaparecido.

71. Mauricio Pereira Vital — Taifeiro, salvo.
72. Antonio Quirino da Costa — Moço, desaparecido.
73. José Corrêa dos Santos — Moço, salvo.

RELAÇÃO DOS PASSAGEIROS

1. José Fernandes — Cabedelo — Marítimo, desaparecido.
2. Manoel Barbosa dos Santos — Cabedelo — Marítimo, desaparecido.
3. Wilson Pereira de Mendonça — Cabedelo — Marítimo, desaparecido.
4. José Dutra — Cabedelo — Músico, desaparecido.
5. Alirio Cerqueira — Cabedelo — Músico, desaparecido.
6. Edelviro Sant'Anna — Cabedelo — Músico, desaparecido.
7. José Pedro da Costa — Cabedelo — Barbeiro, salvo.
8. Hermes Dantas da Silva — Recife — Estudante, desaparecido.
9. Francisco de Castro — Recife — Comércio, desaparecido.
10. Antonio Campos de Arruda Beltrão — — Recife — F. Público, desaparecido.
11. Elisa Beltrão — Recife — Doméstica, desaparecida.
12. Gaspar Monteiro Oliveira Pinto — Recife — Comércio, desaparecido.
13. Cacilda de Souza Pinto — Recife — Doméstica, desaparecida.
14. Jayme de Souza Pinto — Recife — Estudante, desaparecido.
15. Paulo Moitinho Neiva — Recife — Militar, desaparecido.
16. Roberto Ribeiro Carvalho — Recife — Comércio, desaparecido.
17. Odete Vieira Cunha Carvalho — Recife — Doméstica, desaparecida.
18. Maria de Lourdes Souza Rangel — Recife — Comércio, desaparecida.
19. Oswaldo Machado — Recife — Militar, desaparecido.
20. Palmira Alvarez Anciães — Cabedelo — Doméstica, desaparecida.
21. Palmira Alvarez Anciães Filha — Cabedelo — Doméstica, desaparecida.
22. Norberto Silvio Paiva Anciães — Cabedelo — Militar, desaparecido.
23. Manoel Antonio Teixeira — Cabedelo — Militar, desaparecido.
24. Annibal de Souza Gonçalves — Cabedelo — Militar, desaparecido.
25. Haydée Pitta Gonçalves — Cabedelo — Doméstica, desaparecida.
26. Washington Nobre da Silva — Cabedelo — Militar, desaparecido.
27. Virginia Auto de Andrade — Recife — Doméstica, desaparecida.
28. Gustavo Giorge — Recife — Militar, desaparecido.
29. Beatriz Giorge — Recife — Doméstica, desaparecida.
30. Marilene Giorge — Recife — Menor, desaparecida.
31. Marlene Giorge — Recife — Menor, desaparecida.
32. Gildo Antunes da Silva — Recife — Indústria, desaparecido.
33. Nelson Salles Pereira Leite — Recife — Militar, desaparecido.
34. Alberto Elysio Silveira — Recife — Militar, desaparecido.
35. Waldemar Figueiredo Lemos — Recife — Militar, desaparecido.
36. Luiz Eduardo Villafane Gomes — Recife — Militar, desaparecido.
37. Carmen Mattoso — Cabedelo — Doméstica, desaparecida.
38. Hermencio Catanhede — Recife — Comércio, desaparecido.
39. Antonio Lins Cavalcanti — Recife — Militar, desaparecido.
40. Alayde Lins Cavalcanti — Recife — Doméstica, salva.
41. Antonio Cavalcanti — Recife — Estudante, desaparecido.
42. Helio Cavalcanti — Recife — Estudante, desaparecido.
43. Noemi Cavalcanti — Recife — Menor, desaparecida.
44. Constantino Pereira d'Almeida — Recife — Comércio, desaparecido.
45. Nancy Ferreira d'Almeida — Recife — Menor, desaparecida.
46. Almerinda Nogueira — Recife — Doméstica, desaparecida.
47. José Baptista da Silva — Recife — Militar, desaparecido.
48. Caetano Moreira Falcão — Recife — Estudante, salvo.

49. Amelia Figueira Ferreira — Recife — Doméstica, desaparecida.

50. Eodizun Ferreira — Recife — Estudante, desaparecido.

51. Edson Ferreira — Recife — Estudante, desaparecido.

52. Weber Ferreira — Recife — Estudante, desaparecido.

53. Arlete Ferreira — Recife — Estudante, desaparecida.

54. Heinrich Fahlbusch — Recife — Técnico, desaparecido.

55. Francisco José de Souza — Recife — Comércio, desaparecido.

56. Renato Cardoso Mesquita — Recife — Comércio, desaparecido.

57. Gilberto Costa — Recife — F. Público, desaparecido.

58. Murilo Gonçalves da Silva — Recife — Médico, desaparecido.

59. Elza Boiss — Recife — Doméstica, desaparecida.

60. Eduardo Alexandre Baumann — Recife — Militar, desaparecido.

61. Eunice Neiva Baumann — Recife — Doméstica, salva.

62. João Dias Junior — Cabedelo — Advogado, desaparecido.

63. Flavio Andrade Guimarães — Recife — Estudante, desaparecido.

64. José Dutra Pereira — Cabedelo — Músico, desaparecido.

65. Edelviro Santana — Cabedelo — Músico, desaparecido.

66. Aloysio Oswaldo Cerqueira — Cabedelo — Músico, desaparecido.

67. José Gonçalves Fernandes — Cabedelo — Marítimo, desaparecido.

68. Wilson Pereira Mendonça — Cabedelo — Marítimo, desaparecido.

69. José Pedro da Costa — Cabedelo — Marítimo, desaparecido.

70. Manoel Barbosa dos Santos — Cabedelo — Marítimo, desaparecido.

71. Virgilio Alves de Figueiredo — Recife — Marítimo, desaparecido.

72. Annibal Whatley Dias — Recife — Comércio, desaparecido.

73. Jayme Sagorsky — Recife — Comércio, desaparecido.

ANIBAL BENÉVOLO

RELAÇÃO DOS TRIPULANTES

1. Henrique Mascarenhas Silveira — Comandante, salvo.

2. Manuel Duarte Cordeiro Filho — Imediato, desaparecido.

3. Helio Corrêa de Oliveira — 1.º Piloto, desaparecido.

4. José Furtado Soares de Meireles — 2.º Piloto, desaparecido.

5. Mathias Bandeira de Morais — 1.º Radiotelegrafista, desaparecido.

6. Hugo Pedro Krapt — 2.º Radiotelegrafista, desaparecido.

7. Osorio França — Médico, desaparecido.

8. Servulo da Costa — Conferente, desaparecido.

9. Firmino Pereira da Silva — Mestre, desaparecido.

10. Antonio de Almeida — Carpinteiro, desaparecido.

11. Julio Alexandre de Carvalho — Marinheiro, desaparecido.

12. José Rodrigues dos Santos — Marinheiro, desaparecido.

13. Cristovão de Deus Oliveira — Marinheiro, desaparecido.

14. Amintas Ascendino dos Santos — Marinheiro, desaparecido.

15. João Joaquim Sergio — Marinheiro, desaparecido.

16. Manuel Nunes da Silva — Moço, salvo.

17. José Bomfim da Hora — Moço, desaparecido.

18. Antonio Ferreira de Alcantara — Moço, desaparecido.

19. Francisco Fernandes — Moço, desaparecido.

20. Cosme de Oliveira Silva — Moço, desaparecido.

21. Heliodoro de Holanda Cavalcante — 1.º Maquinista, desaparecido.

22. Raymundo Lira de Azevedo — 2.º Maquinista, desaparecido.

23. Mariano Costa — 3.º Maquinista, desaparecido.

24. José Gonçalo Duarte Lira — 4.º Maquinista, desaparecido.

25. Thiago José da Silva — Cabo-foguista, desaparecido.

26. Manuel Vieira dos Santos — Cabo-foguista, desaparecido.
27. Josau de Brito — Cabo-foguista, desaparecido.
28. José Evaristo Gomes Filho — Cabo-foguista, desaparecido.
29. Valdemiro Pinheiro — Foguista, salvo.
30. Pedro Paulo Mota — Foguista, desaparecido.
31. Virgilio Pires — Foguista, desaparecido.
32. Inocencio Alves dos Santos — Foguista, desaparecido.
33. João Laurentino da Silva — Foguista, desaparecido.
34. Olavo Pereira da Cruz — Foguista, desaparecido.
35. Zacharias Alves — Carvoeiro, desaparecido.
36. Antenor Manuel da Luz — Carvoeiro, desaparecido.
37. Inocencio Severino dos Santos — Carvoeiro, desaparecido.
38. André Gomes Sena — Carvoeiro, desaparecido.
39. Manuel Severino da Silva — Carvoeiro, desaparecido.
40. Calmon Ferreira da Silva — Carvoeiro, desaparecido.
41. Antonio Santana Ferreira — Carvoeiro, desaparecido.
42. Manuel Vangeloti — 1.º Comissário, desaparecido.
43. Mauricio José Pindenfeld — 2.º Comissário, desaparecido.
44. Firmino Gomes da Silva — 1.º Cozinheiro, salvo.
45. Aristides Matos dos Santos — 2.º Cozinheiro, desaparecido.
46. Ernesto de Azevedo Silva — 2.º Cozinheiro, desaparecido.
47. José Muniz de Oliveira — 3.º Cozinheiro, desaparecido.
48. José Souza — Ajd. Cozinha, desaparecido.
49. Carivaldo Francisco da Soledade — Padeiro, desaparecido.
50. Sergio Clementino Bezerra — Paioleiro, desaparecido.
51. Guilherme Ribeiro — Botequineiro, desaparecido.
52. Ozeas Goes — Copeiro, desaparecido.
53. José Marques da Costa — Taifeiro, desaparecido.
54. Jonio Alves de Barros — Taifeiro, desaparecido.
55. Carlos de Azevedo Coutinho — Taifeiro, desaparecido.
56. Edgard Silva Ramalho — Taifeiro, desaparecido.
57. Raimundo Ribeiro da Silva — Taifeiro, desaparecido.
58. Pedro Martins Fonte — Taifeiro, desaparecido.
59. Amaro Martins dos Santos — Taifeiro, desaparecido.
60. Antonio Francisco dos Santos — Taifeiro, desaparecido.
61. Navaldo Navarro de Morais — Taifeiro, desaparecido.
62. Manuel Fernandes da Silva — Taifeiro, desaparecido.
63. Antonio Castanheira — Barbeiro, desaparecido.
64. Jonas Manuel dos Santos — Praticante, desaparecido.
65. Mario Gomes de Carvalho — Barbeiro, desaparecido.
66. José Antonio de Oliveira — Moço, salvo.
67. Manuel Gomes de Oliveira — Cabo-foguista, salvo.
68. Manuel Ferraz — Foguista, salvo.
69. Casimiro Manuel Lima — Foguista, salvo.
70. Wilson Gil — Taifeiro, salvo.
71. Armenio de Castro Bezerril — Taifeiro, salvo.

RELAÇÃO DOS PASSAGEIROS
Embarcados no Rio de Janeiro:

Para Aracajú :

1. Benicio Montes Flores — Desaparecido.
2. Isabel Montes Flores — Desaparecida.
3. José Lacerda Dantas — Desaparecido.
4. Iêda Gomes Dantas — Desaparecida.
5. Lucí Gomes Dantas — Desaparecida.
6. Inéa Nogueira Gomes — Desaparecida.
7. Josias Alves de Souza — Desaparecido.
8. Guilhermina Alves de Souza — Desaparecida.
9. Lenz Alves de Souza — Desaparecido.
10. Fernando de Oliveira — Desaparecido.
11. Evangelina de Barros Oliveira — Desaparecida.

12. Carlos de Oliveira — Desaparecido.
13. Manuel Messias de Souza — Desaparecido.
14. Elisabeth Santos — Desaparecida.
15. Edmundo Dantas — Desaparecido.
16. Josefa Cardoso Santos — Desaparecida.
17. José Carlos do Nascimento — Desaparecido.
18. Jerônimo Alves Torres — Desaparecido.
19. Valtercio José de Sá — Desaparecido.
20. Aurora Santos — Desaparecida.
21. Marlene Santos Prior — Desaparecida.
22. Marilena Santos Prior — Desaparecida.
23. Oswaldo Caldas de Assis — Desaparecido.
24. José Alves — Desaparecido.
25. Adelina Alves — Desaparecida.
26. Derlin Alves — Desaparecido.
27. Olga Alves — Desaparecida.
28. Pedro Marinho da Silva — Desaparecido.
29. Clarinha Rego Silva — Desaparecida.
30. José Soares de Brito — Desaparecido.
31. José Gomes da Silva — Desaparecido.
32. Severina Moreira — Desaparecida.
33. Maria Gomes — Desaparecida.
34. Alcides Gomes — Desaparecido.
35. Ismael Cordeiro — Desaparecido.
36. Acielé Cordeiro — Desaparecido.
37. José Gomes — Desaparecido.
38. José Aprigio — Desaparecido.
39. Wanda Lessa — Desaparecida.
40. Gracil Aprigio — Desaparecido.
41. Mario Aprigio — Desaparecido.
42. Ivo Aprigio — Desaparecido.
43. José Antonio Martins — Desaparecido.
44. Maria Martins — Desaparecida.
45. Cesaria Martins — Desaparecida.
46. Severina Martins — Desaparecida.
47. Joaquina Martins — Desaparecida.
48. Luzia Martins — Desaparecida.
49. Antonio Martins — Desaparecido.
50. Antonia Martins — Desaparecida.
51. Pedro Martins — Desaparecido.
52. Mariano Ramos M. Pereira — Desaparecido.
53. Cecilia Ramos Pereira — Desaparecida.
54. Lourival Ramos Pereira — Desaparecido.
55. Creusa Ramos Pereira — Desaparecida.
56. Narciso Dias da Silva — Desaparecido.
57. Vitalina Dias da Silva — Desaparecida.
58. Maria Dias da Silva — Desaparecida.
59. Severino Dias da Silva — Desaparecido.
60. Maria Anunciada Dias da Silva — Desaparecida.
61. Aurora Dias da Silva — Desaparecida.
62. Maria José Dias da Silva — Desaparecida.
63. Octacilio Dias da Silva — Desaparecido.
64. Josefina Dias da Silva — Desaparecida.
65. José Martins dos Santos — Desaparecido.
66. Amara Martins dos Santos — Desaparecida.
67. Maria das Dores dos Santos — Desaparecida.
68. Severino dos Santos — Desaparecido.
69. Tompson Teles Vieira — Desaparecido.
70. Clarice Prudente Vieira — Desaparecida.
71. Marisete Prudente Vieira — Desaparecida.
72. Maria dos Santos — Desaparecida.
73. Milton dos Santos Vieira — Desaparecido.
74. Antonio Ciríaco — Desaparecido.
75. Maria Alves — Desaparecida.
76. Maria José dos Santos — Desaparecida.

Embarcados em Caravelas:

Para Aracajú :

77. Francisco Garcia — Desaparecido.
78. João Ferreira da Silva — Desaparecido.
79. David Góes — Desaparecido.
80. João C. Castro — Desaparecido.

Embarcados em Vitória:

81. Antonio Fernandes Neto — Desaparecido.

Embarcados em Salvador:

82. Julio Alexandre — Desaparecido.
83. Manoel Messias dos Santos — Desaparecido.

ITAGIBA

RELAÇÃO DOS TRIPULANTES

1. José Ricardo Nunes — Comandante, salvo.
2. Mario Hugo Praum — Imediato, salvo.
3. Accacio Mattos Cavalcanti — 1.° Piloto, salvo.

4. Osny Moura — 2.º Piloto, salvo.
5. Milton Pimentel — Pte. Piloto, salvo.
6. Dr. Augusto de Araujo Bulcão — Médico, salvo.
7. João Guatiguaba — 1.º Rádio, salvo.
8. Bellival Pereira de Mello — 2.º Rádio, salvo.
9. José Eleotério de Mattos — C. Mestre, desaparecido.
10. Eugenio Jesuino da Silva — Carpinteiro, salvo.
11. Antonio José Pires — Marinheiro, salvo.
12. Romão José Rayol — Marinheiro, desaparecido.
13. Antonio Cassiano de Lima — Marinheiro, salvo.
14. José Marinho Leão — Marinheiro, salvo.
15. Eduardo Cruz da Silva — Marinheiro, salvo.
16. Manoel Henrique da Silva — Marinheiro, salvo.
17. Manoel Britto — Moço, salvo.
18. Manoel Barbosa Maciel — Moço, salvo.
19. Antonio Ribeiro — Moço, salvo.
20. Octavio de Barros Cavalcanti — Moço, salvo.
21. João Ferreira Ramos — Moço, salvo.
22. Paulo Laudelino de Senna — Moço, desaparecido.
23. Arlindo Soares Ribeiro — 1.º Maquinista, salvo.
24. José Monteiro da Silva — 2.º Maquinista, salvo.
25. Julio Minasi — 3.º Maquinista, salvo.
26. João Arthur Cunha — 4.º Maquinista, desaparecido.
27. Armando Mendes — Pte. Máquinas, salvo.
28. Ernesto Monteiro Chaves — C. Caldeirinha, salvo.
29. Ulysses de Oliveira — C. Foguista, salvo.
30. Manoel Ramos da Silva — C. Foguista, salvo.
31. Mamede Salustiano Monte — Foguista, salvo.
32. João da Silva — Foguista, salvo.
33. Manoel de Góes — Foguista, desaparecido.
34. João Fagundes dos Santos — Foguista salvo.
35. Luiz de França — Foguista, salvo.
36. Waldemar Mattos — Foguista, salvo.
37. Alberto Alves dos Santos — Carvoeiro, salvo.
38. Bento Alberto de Oliveira — Carvoeiro, salvo.
60. Josué Xavier de Souza — Teifeiro,
39. Juvenal Vicente de Moura — Carvoeiro, salvo.
40. Octacilio Marinho da Silva — Carvoeiro, salvo.
41. Milton Bezerra do Nascimento — Carvoeiro, desaparecido.
42. Apolonio Braz de Araujo — Carvoeiro, salvo.
43. Antonio Nauta — 1.º Comissário, salvo.
44. Oswaldo Machado Dias — 2.º Comissário, salvo.
45. Antonio Procopio de Oliveira — 1.º Cozinheiro, salvo.
46. Leonel Paulino de Almeida — 2.º Cozinheiro, desaparecido.
47. José Conceição da Graça — 3.º Cozinheiro, salvo.
48. Raul Almeida Carvalho — Botequineiro, salvo.
49. Arlindo Vicente Borges — Copeiro, salvo.
50. Mario Muniz Fernandes — Paioleiro, salvo.
51. Raymundo Rodrigues — Padeiro, desaparecido.
52. João Francisco de Barros — Taifeiro, salvo.
53. João Lopes de Jesus — Taifeiro, salvo.
54. Hermelindo Alves da Costa — Taifeiro, salvo.
55. Joaquim Severino da Silva — Taifeiro, salvo.
56. Alfredo Antonio Azevedo — Taifeiro, salvo.
57. Arlindo Ayres de Lima — Taifeiro, desaparecido.
58. Pedro João Francisco — Taifeiro, salvo.
59. Jorge Carvalhal — Taifeiro, salvo.
60. Josué Xavier de Souza — Taifeiro, salvo.

RELAÇÃO DOS PASSAGEIROS

1. José Joaquim Malheiros — Maceió — Comércio, salvo.
2. Alipio Napoleão Andrade Serpa — Recife — Militar, desaparecido.

3. José Tito do Canto — Recife — Militar, salvo.
4. Noemia Peres do Canto — Recife — Doméstica, salva.
5. Véra Beatriz Peres do Canto — Recife — Doméstica, salva.
6. Odila Silva Darey — Maceió — Doméstica, salva.
7. Gentil Domingues da Silva — Baía — F. Público, salvo.
8. Helio Leite de Castro Velloso — Baía — Médico, salvo.
9. José Benevides de Azevedo — Baía — Comércio, desaparecido.
10. Alter Ber Eylbersztajn — Maceió — Comércio, desaparecido.
11. Nute Fainel Zilberstein — Maceió — Comércio, desaparecido.
12. Natalio Aisenberg — Maceió — Comércio, salvo.
13. Czestava S. Aisenberg — Maceió — Doméstica, salva.
14. Luiz Barboza Cordeiro — Recife — Militar, salvo.
15. João de Oliveira Barros — Recife — Militar, salvo.
16. Eurides Garcia — Cabedelo — Militar, salvo.
17. Miguel Ferreira de Souza — Cabedelo — Militar, desaparecido.
18. Manoel Baptista da Silva — Cabedelo — Militar, salvo.
19. Pedro Daniel de Souza — Cabedelo — Militar, salvo.
20. Manoel Celestino Magarão — Recife — Militar, salvo.
21. Waldemar Gonçalves Aguado — Recife — Militar, salvo.
22. Abilio Pereira Christino — Recife — Militar, salvo.
23. Ademar Machado — Recife — Militar, salvo.
24. Agostinho Eugenio dos Santos — Recife — Militar, salvo.
25. Alcides Salça Ribeiro — Recife — Militar, desaparecido.
26. Alporandyr Souto da Silva — Recife — Militar, salvo.
27. Alvaro Bastos — Recife — Militar, salvo.
28. Alvaro Sant'Anna — Recife — Militar, desaparecido.
29. Antonio Gomes de Souza — Recife — Militar, salvo.
30. Ary Abreu de Azevedo — Recife — Militar, salvo.
31. Ary Bastos — Recife — Militar, salvo.
32. Ary Fernandes — Recife — Militar, desaparecido.
33. Claudionor Jacintho Nazareth — Recife — Militar, salvo.
34. Eloy José de Oliveira — Recife — Militar, salvo.
35. Euripedes Francisco da Cruz — Recife — Militar, salvo.
36. Firmo Marques — Recife — Militar, salvo.
37. Floriano Peixoto — Recife — Militar, salvo.
38. Geraldo Cardoso — Recife — Militar, desaparecido.
39. Germano Manoel da Costa — Recife — Militar, desaparecido.
40. Gil Ferreira Soares — Recife — Militar, desaparecido.
41. Hypolito Schiavo Junior — Recife — Militar, desaparecido.
42. Isaias Pina de Carvalho — Recife — Militar, salvo.
43. João Baptista — Recife — Militar, salvo.
44. João Moraes Sarmento Junior — Recife — Militar, salvo.
45. Joaquim de Araujo Neto — Recife — Militar, salvo.
46. Jorge Rodrigues — Recife — Militar, salvo.
47. José Fernandes Gomes — Recife — Militar, desaparecido.
48. José Fernandes Rabello — Recife — Militar, desaparecido.
49. José Ferreira — Recife — Militar, salvo
50. José Pereira de Aquino — Recife — Militar, salvo.
51. José Francisco de Oliveira — Recife — Militar, salvo.
52. José Moreira Christo — Recife — Militar, salvo.
53. José Nazareno Riguetti — Recife — Militar, salvo.
54. José Pedro Ximenes — Recife — Militar, salvo.
55. Juvenal Lucas — Recife — Militar, desaparecido.

56. Luiz Anacleto da Fonseca — Recife — Militar, salvo.
57. Luiz Macedo — Recife — Militar, desaparecido.
58. Luiz Menzini — Recife — Militar, desaparecido.
59. Manoel Martins Domingos — Recife — Militar, salvo.
60. Manoel Rangel — Recife — Militar, desaparecido.
61. Murillo Poly — Recife — Militar, salvo.
62. Nestor Neres da Silva — Recife — Militar, salvo.
63. Newton Meirelles — Recife — Militar, desaparecido.
64. Octacilio José da Silva — Recife — Militar, salvo.
65. Oswaldo Alves de Oliveira — Recife — Militar, salvo.
66. Paulo João Frish — Recife — Militar, salvo.
67. Paulo Mariano de Camargo — Recife — Militar, salvo.
68. Pedro Paulo de Faria Moreira — Recife — Militar, salvo.
69. Reynaldo Nazareth de Mattos — Recife — Militar, salvo.
70. Roberval Rodrigues Place — Recife — Militar, salvo.
71. Rubens de Souza Pires — Recife — Militar, salvo.
72. Rubens Seguir — Recife — Militar, salvo.
73. Santino Alves de Lima — Recife — Militar, salvo.
74. Serafim Anacleto da Fonseca — Recife — Militar, desaparecido.
75. Scilas de Oliveira Assumpção — Recife — Militar, salvo.
76. Sinézio de Souza — Recife — Militar, salvo.
77. Ubirajara Francisco Lessa — Recife — Militar, salvo.
78. Waldemiro Francisco Ferraz — Recife — Militar, salvo.
79. Walter Sileiro Fiz — Recife — Militar, salvo.
80. Carmemberum Zito Ortiz — Recife — Militar, desaparecido.
81. Elcio Antunes — Recife — Militar, salvo.
82. Walter Siqueira — Recife — Militar, salvo.
83. Washington Moreira — Recife — Militar, salvo.
84. Wilson Goulart da Fonseca — Recife — Militar, salvo.
85. Mario Alves Silva Sobrinho — Recife — Militar, desaparecido.
86. Walter de Oliveira — Recife — Militar, salvo.
87. Oscar Alves de Oliveira — Recife — Militar, salvo.
88. Alcides Gomes da Silva — Recife — ceió — Militar, salvo.
89. Lourival dos Santos — Recife — Militar, salvo.
90. Paulo Pereira de Castro — Recife — Militar, salvo.
91. Jorge Baptista Serra — Recife — Militar, desaparecido.
92. Benvindo Neto — Recife — Militar, salvo.
93. Moysés Pituba — Recife — Militar, salvo.
94. Orlando de Souza — Recife — Militar, salvo.
95. Helio de Paula Ribeiro — Recife — Militar, salvo.
96. Sylvio Reis de Souza — Recife — Militar, salvo.
97. José Alves de Freitas — Recife — Militar, salvo .
98. Carlos Salomão Bacarat — Recife — Militar, desaparecido.
99. João Carneiro Soares — Recife — Militar, desaparecido.
100. José Maria de Moraes — Recife — Militar, salvo.
101. Alfredo Ribeiro Junior — Recife — Militar, salvo.
102. Alvaro José de Oliveira — Recife — Militar, salvo.
103. Edson Carlos de Lemos — Recife — Militar, salvo.
104. Floripes José Maria — Recife — Militar, desaparecido.
105. Glaudio Cruz Paes — Recife — Militar, desaparecido.
106. Heitor da Silva Ramos — Recife — Militar, salvo.
107. Gilson Magalhães Couto — Recife — Militar, salvo.

108. Homero Tavares Coelho — Recife — Militar, desaparecido.

109. Paulo Augusto Macedo Magalhães — Recife — Militar, desaparecido.

110. Juvencio Fernandes de Oliveira — Recife — Militar, salvo.

111. Valderez Monteiro Cavalcanti — Maceió, salvo.

112. João Ricardo de Souza — Baía — Militar, salvo.

113. Geraldo Ciudo — Baía — Militar, salvo.

114. Carlos Trindade Lopes — Recife — Militar, salvo.

115. Curt Cartner — Recife — Militar, salvo.

116. Anadir Samuel — Recife — Militar, desaparecido.

117. Godofredo Pinto Frota — Recife — Militar, salvo.

118. Claiton Bolgeraux — Recife — Militar, salvo.

119. Guilherme Neid — Recife — Militar, salvo.

ARARA

RELAÇÃO DOS TRIPULANTES

1. José Coelho Gomes — Comandante, salvo.
2. Ignacio Carlos — Imediato, desaparecido.
3. Ubirajara Cirne — 2.º Piloto, desaparecido.
4. Angelo Merico — 2.º Piloto, salvo.
5. Aurelio Raymundo Delgado — Pte. Piloto, salvo.
6. Octacilio José dos Santos — C. Mestre, salvo.
7. Olavo de Souza — Carpinteiro, desaparecido.
8. João Bello de Souza — Marinheiro, salvo.
9. Philadelpho Eduardo da Silva — Marinheiro, salvo.
10. Severino Gomes de Senna — Marinheiro, salvo.
11. Elpidio Barbosa Leal — Marinheiro, salvo.
12. Manoel Rodrigues Tavares — Moço, desaparecido.
13. João Pedro dos Santos — Moço, desaparecido.
14. Aldo Alves — Moço, desaparecido.
15. Josué Pereira — 1.º Maquinista, desaparecido.
16. Innocencio Ferreira do Carmo — 2.º Maquinista, desaparecido.
17. João Martins Simões — 3.º Maquinista, desaparecido.
18. José Ribeiro da Silva — C. Caldeirinha, salvo.
19. Rozendo José Marciano — C. Foguista, desaparecido.
20. José Flóra da Silva — C. Foguista, salvo.
21. Aprigio Camillo de Souza — Foguista, salvo.
22. Severino Francisco dos Santos — Foguista, desaparecido.
23. João Esmerio dos Santos — Foguista, desaparecido.
24. Raymundo Nonato da Silva — Foguista, desaparecido.
25. João da Silva Porto — Foguista, desaparecido.
26. Manoel Mauricio dos Santos — Foguista, desaparecido.
27. Sebastião José de Oliveira — Carvoeiro, salvo.
28. Santos Ulquim — Carvoeiro, desaparecido.
29. Firmo Lima — Carvoeiro, salvo.
30. Armando Simões da Cruz — Carvoeiro, desaparecido.
31. Durval Baptista dos Santos — 2.º Comissário, desaparecido.
32. Pedro Dyonisio Vencke — 2.º Cozinheiro, desaparecido.
33. Antonio Manoel da Silva — 3.º Cozinheiro, salvo.
34. Jayme Santos de Oliveira — Taifeiro, desaparecido.
35. Juvenal Thomaz da Silva — Taifeiro, desaparecido.

TRECHOS DE DEPOIMENTOS DE TRIPULANTES DO "BAEPENDí", "ANIBAL BENÉVOLO", "ARARAQUARA", "ITAGIBA" E "ARARÁ"

BAEPENDÍ

Depoimento do Sr. Adolfo Artur Kern, chefe de máquinas

"Saimos do porto de Salvador, na Baía, às 7 horas da manhã do dia 15 de agosto, a bordo do *Baependí*, que se destinava a Manaus e portos de escala. Iamos navegando normalmente, com destino ao porto de Maceió, sem nada haver-se registado logo depois da saida.

Às 19 horas do mesmo dia 15, logo depois do jantar, sentimos o primeiro estampido forte, que, pelas características do som metálico, logo compreendemos que se tratava de um torpedo. Cinco segundos depois, provavelmente, desse primeiro estrondo, produziu-se outro estampido, correspondendo ao segundo torpedo, tambem assim presumido por se terem apresentado as mesmas características da detonação.

O primeiro torpedo, presumivelmente, deu-se na casa das caldeiras, e o segundo, tambem presumivelmente (porque foi tão rápido que não deu tempo para localizar nada), arrebentou nos tanques de óleo combustivel. Em consequência disso e simultaneamente com o estampido, registou-se uma forte explosão, destapando-se a escotilha do porão n. 2, explosão acompanhada de labaredas, que iam até, quase, ao tope do mastro, provocando violento incêndio.

Desde o primeiro estampido, contando um minuto ou talvez dois, o navio submergiu completamente. Submergiu todo adernado para o lado de boreste, lado por onde foi agredido, arrastando todo mundo; porque, dada a rapidez com que o navio foi tragado pelo mar, não houve tempo, sequer, de se iniciar o serviço de salvamento com as baleeiras. Todas as baleeiras foram arrastadas para o fundo com o navio, ficando uma única, que se desprendeu sozinha, por graça divina. Foi essa baleeira que recolheu os que iam surgindo à tona, numa noite escura e de mar agitado. Nessa baleeira salvaram-se vinte e oito pessoas.

Quanto à presença de navio de guerra agressor, submarino ou mina, nada posso, concientemente, informar. Afirmo apenas que foram dois torpedos. Quando me encontrei dentro dágua, vi, naquele ambiente de destroços flutuantes, um resto de fogueira e compreendi que era óleo combustivel em chamas, que se entornara com o movimento do navio. Ao lado dessa fogueira, notei 12 ou 15 velinhas acesas, parecendo velinhas de baleeiras, que acendem logo que estas batem nágua.

Os que, por graça divina, se salvaram foram 28, sendo 15 tripulantes e 13 passageiros.

Não me salvei na baleeira. Depois de permanecer cerca de meia hora dentro dágua, no meio de todo mundo que estava na mesma situação angustiosa, veio para cima de mim, arrastado pela correnteza, um pedaço da tolda de madeira da cobertura do passadiço. Não sei se foi a explosão ou se foi a força dágua que a arrancou do navio. Era um pedaço de tolda de três e quatro metros quadrados.

Depois de subir para esse pedaço de tolda e de estar alí vogando durante meia hora, ouvi gritos perto. Nos primeiros momentos, nada pude distinguir. Passado algum tempo, vi um indivíduo nágua, meio enregelado. Era um soldado. Ajudei-o a subir na tábua e aí ficámos. Transcorrido não muito tempo, sem saber determinar de onde partia, pois a noite estava fechada, ouvimos outro grito. Poucos instantes depois, no meio das ondas, observei um volume constituido de dois colchões. Nele se havia recolhido um terceiro náufrago, que era o enfermeiro de bordo. Ficámos nessa situação apenas com as peças do vestuário, e aí nos mantivemos precariamente desde 8 horas da noite. Fomos levados pelas ondas do mar, que, por sorte, eram favoraveis, para a direção da praia, onde chegamos na segunda-feira,

quase ao clarear do dia, nas mais lamentaveis condições físicas.

Ao atravessar, porem, a arrebentação, provocada pelo vento sul que agita muito a praia, o soldado já tinha perdido a conciência, pela alta febre. Ficou alucinado, e nós tinhamos de segurá-lo constantemente para que pudesse ficar com a cabeça fora dágua. Resistiu à passagem da primeira arrebentação, mas, infelizmente, na madrugada de segunda-feira, logo depois da segunda arrebentação, quando chegamos para cima da tábua novamente, já o soldado não estava. Ficamos lutando, o enfermeiro e eu. Eu estava já perdendo o controle. De fato, enquanto o enfermeiro supunha ver luzes, eu me considerava estar no Chopp da Brahma, e, quando sentí a realidade, estava para afrouxar. Era Deus que inspirava o meu dever de pai; porque, do contrário, não teria tido forças para chegar à praia. O esforço era superior à minha resistência física. Lembrei-me das minhas filhinhas.

Ao clarear de segunda-feira, pareceu-me ouvir gritos humanos. Como estivesse com os meus sentidos auditivos e visuais um tanto perturbados, consultei o companheiro, que, aliás, estava em idênticas condições. Ele tambem ouvira gritos. Então, procurando reunir nossas forças, clamamos por socorro. Lembra-me bem que eu, em vez de pedir socorro, gritei: "Quero água!" Já estava quase inconciente.

Fomos recolhidos numa pequena canoa, em uma paragem denominada Mangue Seco, no limite da Baía com Sergipe, porem território baiano. Tivemos o primeiro socorro prestado por aquela gente muito humilde e modesta, mas que nos deixou a convicção de que é uma das grandes reservas do país. Gente sem cultura, porem cristã e humana, que sofria tanto quanto nós. O auxílio nos foi prestado por um grupo de pescadores e por uma velha cabocla. Esta, que possuia um oratório, foi logo agradecer à Virgem Nossa Senhora o nosso salvamento. O que eles possuiam ficou logo à nossa disposição.

Chegaram outros náufragos, tambem recolhidos, inclusive o tenente Castelo Branco.

Ao meio-dia, já por providências tomadas pela Interventoria do Estado de Sergipe, fomos conduzidos de Mangue Seco para a localidade sergipana de Crasto, que é um porto.

De Crasto nos conduziram para Estância, cidade de Sergipe, onde passámos uma noite no hospital. Aí nos foram prestados socorros médicos, porque na tolda em que nos salváramos havia muitas pontas de pregos, e estas nos tinham deixado bastante feridos. Alem disso, estávamos semi-nus. Quando caí nágua, estava com o meu fardamento branco. Fiquei só com a camiseta e o dolman.

No hospital, fizeram-se os curativos, inclusive da minha vista, que estava inflamada, já pela ação do óleo, já pela ação corrosiva da água salgada. Tinha tambem queimaduras produzidas por águas vivas em todo o corpo. Ficámos em tratamento no hospital até ao momento em que pudemos locomover-nos novamente.

A respeito do comandante João Soares da Silva, devo dizer que tinha acabado de jantar quando o vi pela última vez. Foi da seguinte maneira: "encontrava-me no tombadilho, do lado de fora da sala de música, em uma reunião na qual se encontravam o tenente Castelo Branco e sua família, um funcionário do Loide Brasileiro, marítimo, que viajava a serviço. Estavamos reunidos, quando o comandante, após ter acabado de jantar no salão, passou por nós. Tinha dado uns cinco passos, no máximo, quando se produziu a primeira explosão. Como todos os outros, foi colhido de grande surpreza, devido ao ataque inesperado. Voltou-se e perguntou-me: "Chefe, que foi isso?" Percebi, pelo cheiro de pólvora, que se tratava de torpedo, e respondi: "E' fora de dúvida. Mande arriar as baleeiras". Quando acabava de pronunciar essas palavras, deu-se a segunda explosão. Por isso, calculo em cinco segundos o intervalo entre a primeira e a segunda explosão. À explosão do segundo torpedo, ele correu para a escada do passadiço. Ainda consegui vê-lo no alto da escada, já passando para o passadiço, que é a ponte de comando. E aí, de um salto, quando o navio já adernava, ele segurou no apito. O navio começou a apitar e só deixou de fazê-lo quando foi tragado pelas ondas. O marinheiro, tambem sobrevivente, que estava de serviço no leme, viu-o agarrar no apito para dar o sinal de alarma. Notou que o comandante estava coberto de sangue, ferido, naturalmnte, pelos estilhaços provenientes da explosão. Daí a razão por que afirmo que o comandante morreu no seu posto".

ARARAQUARA

Depoimento do Sr. Milton Fernandes da Silva, 1.º piloto

"Deixamos o porto do Rio de Janeiro no dia 11 de agosto p.p., com destino à Baía, onde chegámos a 14 do mesmo mês. No decurso da viagem, no dia 13, às 13 horas, procedemos ao exercício de salvamento, que foi executado normalmente e com toda a presteza. Zarpámos da Baía às 11 horas do dia 15, rumo a Maceió. A viagem prosseguiu sem novidade até às 21 horas, quando se verificou o torpedeamento. Achava-me, nessa ocasião, dormindo, tendo acordado por motivo de estremecimento do navio, precedido de forte estampido. Ví aproximar-se de mim o comandante, perguntando ao oficial de quarto: "O que foi isso?" — Nervoso, o oficial perdera a fala, tendo sido eu quem lhe respondeu : "Comandante, fomos torpedeados e estamos submergindo". Seguiu-se a voz de comando, no sentido de que colocassemos os coletes salva-vidas e corrêssemos às baleeiras. Isso fizemos sem perda de tempo. E' dificil precisar quantos torpedos foram disparados contra o navio. Suponho terem sido dois. Há quem afirme que as ampoulas de ar arrebentaram-se, mas não acredito que isso se tenha verificado, pois o primeiro torpedo bateu entre o porão 3 e a casa das máquinas, e, minuto e meio após, ocorria outra explosão. A baleeira 3, para onde corri, achava-se completamente inutilizada; sobre ela caira a tolda do botequim. Julguei, no primeiro instante, que ninguem se salvaria, da minha guarnição, uma vez que a baleeira estava, como disse, inutilizada, pelo que subi para procurar as balsas. Tambem estas já haviam caido, dada a inclinação do navio. Então, desci ao local da baleeira e gritei para os passageiros que tratassem de se salvar da melhor maneira, correndo para o outro bordo. A inclinação do navio já era bastante acentuada, achando-se o barco quase na posição horizontal. Deslizei pelo costado até à quilha e lancei-me ao mar. Estava muito escuro, e, das pessoas que se encontravam perto de mim, só pude reconhecer o 3.º maquinista. Ventava muito, e o mar era bem forte. Boiei um pouco, depois me virei e percebi que o navio ia desaparecendo. Mediaram, talvez, uns cinco minutos do primeiro torpedo até ao completo afundamento do barco. Nenhuma baleeira — estou certo — pode ser arrancada dos picadeiros, devido à inclinação do navio. Quando o *Araraquara* acabava de submergir, fui apanhado por um vagalhão e atingido na cabeça por destroços de uma caixa que fazia parte da carga depositada no porão. Ocorreu-me agarrar num pedaço dessa caixa, o que fiz. Passava boiando um pedaço de tolda do botequim, pois esta se inutilizara com a explosão, e foi aí que consegui me firmar, evitando que o mar me tragasse. Dentro em pouco, recolhia um companheiro que se achava próximo: o terceiro maquinista, Eroghildes Bruno de Barros; depois, um moço de convés, por nome Esmerino Elias Siqueira, e um 2.º tenente do Exército, passageiro, que me disse, mais tarde, chamar-se Oswaldo Costa. Da lista de passageiros, entretanto, não constava este nome, mas o de Oswaldo Machado. Não era possivel recolher mais ninguem, pois a tábua já se achava bastante carregada e o vagalhão a arrastava cada vez com maior fúria. Assim, seguimos os quatro. O moço de convés e o tenente estavam um pouco desanimados. Clareando o dia, melhoraram. À medida que nos afastavamos do navio, eu ia recolhendo o que podia, para fazer lastro na tábua. A água já nos tocava aos joelhos. Estavamos em pé. A muito custo, consegui equilibrar um pouco a tábua, com o auxílio de destroços que ia apanhando. Sentiamos fome e sede, e, em breve, o moço de convés e o tenente se achavam, outra vez, descoroçoados. Na madrugada de segunda-feira (o torpedeamento verificou-se às 21 horas do dia 15), o moço de bordo pediu café. Percebi que não estava com o juizo perfeito e procurei acalmá-lo, fazendo ver que era impossivel atender ao seu pedido. Retorquiu-me que ouvira bater a campa, e, pois, estava na hora de tomar café com pão. Que lhe desse, ao menos, pão com farinha. Molhando a mão na água salgada, passeia-a pela sua cabeça e pedi-lhe que dormisse. Foi tudo inutil. O homem levantou-se e quis agarrar a garganta do tenente, já louco. Então, eu e o maquinista, empregando a força, conseguimos impedir que segurasse o tenente, que se achava inerte. Então, o moço atirou-se ao mar, dirigindo-me, antes, as seguintes palavras : "Já que não me quer dar comida, vou-me embora". Ergueu-se o tenente e perguntou por um

colega : "Onde está Nelson?" Disse, tambem, outros nomes, o seu inclusive, que, como já declarei, é Oswaldo Costa. Minutos depois, lançava-se ao mar. Agarrei-o pelas botinas, num grande esforço, e fí-lo voltar para cima da tábua. Censurei o seu procedimento, pedi-lhe que tivesse calma, fiz-lhe ver que um já se fora e não havia necessidade de agravar a situação com a perda de mais um companheiro. Respondeu-me : "Você está é embriagado. Sabe o que mais ? Vou para casa". E jogou-se nágua, desta vez sem que eu nada pudesse fazer. Se o tivesse tentado salvar, a tábua teria virado e morreríamos todos. Quando clareou o dia, por volta das 5 e meia, mais ou menos, perto de Aracajú, fomos alcançados pela arrebentação e atirados, eu e o maquinista, um para cada lado. Nadamos, eu com o colete salva-vidas e ele com uma bóia. Às 9 horas, o meu companheiro deu mostras de estar avistando terra. Perguntou-me se tambem estava vendo. Respondi que não, que se tratava de ilusão de ótica. Mas ele insistiu, dizendo : "Repare quando subir na crista da vaga". Então, observando melhor, percebi que era, de fato, uma coroa. Alí fomos bater, tocados pela arrebentação. Descançámos uns 10 minutos e, depois, nos fizemos ao mar, pois não podiamos ficar naquele ponto. Pelas 3 horas da tarde, atingimos a praia que fica próxima da Fazenda da Barra, de Manoel Sobral. Deitámo-nos na areia. Pouco depois, meu companheiro foi buscar cocos ; comemos a polpa e bebemos a água. Reanimados, andámos, indo bater na fazenda referida. Nesse lugar prestaram-nos toda a assistência, transportando-nos, em canoa, até São Cristovão, onde chegámos à noite. Nada sabiam a respeito do torpedeamento. Telegrafei para casa. O prefeito da cidade nos remeteu para Aracajú, onde chegámos por volta das 11 e meia. Somente o segundo comissário sabe o número exato de passageiros ; todavia, pelas pessoas que vi no refeitório e, tendo conhecimento de que a tripulação se compunha de 73 ajustados em rol, mais um barbeiro, três músicos e quatro praticantes de taifeiro, faço um cálculo de que somávamos ao todo 170 pessoas. Da guarnição, salvaram-se oito. Dos passageiros, apenas três se salvaram : duas senhoras e um rapaz. A senhora foi salva providencialmente. Soube que se achava sentada no barco, do lado contrário, em baixo da embarcação, onde passou a noite inteira. Quando clareou o dia, bateu no fundo do barco, porque ouvira conversa do lado de fora. Então, um dos marinheiros mergulhou e foi buscá-la. Quando deixei Sergipe, soube, pelo capitão do Porto, que, das baleeiras do *Araraquara*, somente três haviam dado à costa. Sofri alguns ferimentos leves. Lamento haver perdido toda a minha bagagem, de que fazia parte o meu sextante e alguma roupa".

ANIBAL BENÉVOLO

Depoimento do Sr. Henrique Jacques Mascarenhas Silveira, comandante

"No dia 10 de agosto de 1942, achando-se o navio fundeado em Caravelas, fiz executar, com a presença de passageiros e tripulantes, exercícios de salvamento e incêndio. Pequeninas falhas foram por mim corrigidas, de sorte que o sistema de salvamento do *Anibal Benévolo* estava em ótimas condições. No dia seguinte, 11, às 13 horas, levantei ferros, com destino ao porto da Baía. A viagem decorreu normalmente, seguindo o navio a rota traçada de acordo com as instruções do Estado Maior da Armada. Salvador foi alcançada sem qualquer novidade. Nesse porto, porem, em consequência de acidente na rede de abastecimento dágua, acidente que não sei a que atribuir, todos os navios alí fundeados tiveram sua partida retardada. Assim é que, devendo o *Anibal Benévolo* zarpar às 6 horas da tarde do dia 14 de agosto, só poude fazê-lo ao meio dia de 15. O *Baependí* só saiu às 7 horas da manhã desse mesmo dia 15. O *Araraquara*, às 8 ou 9 da manhã. Houve, assim, por causa daquele acidente no encanamento dágua, um retardamento geral, que determinou o agrupamento de vários navios, todos eles saindo quase ao mesmo tempo, com pequenos intervalos. A viagem de Salvador para Aracajú processou-se, rigorosamente, em consonância com as instruções emanadas do Estado Maior da Armada, isto é, navegando-se bem próximo da costa, com as luzes dos camarotes e salões apagadas, conservando apenas acesos o que chamamos de "faróis de navegação".

O fato — "Singrávamos a sete milhas da costa, na posição de 15 milhas ao sul do farol do rio Real, quando, precisamente, às 4 horas

e 5 minutos da manhã do dia 16 de agosto, foi o navio violentamente sacudido, ouvindo-se forte estampido abafado. Nessa ocasião, eu achava-me no passadiço, assim como o imediato, Manoel Duarte Cordeiro. Este, percebendo que o navio afundava rapidamente, dirigiu-se, incontinenti, para a casa do leme, onde pôs a funcionar a sereia de alarma, enquanto eu tentava colocar fora da borda uma das baleeiras salva-vidas. Mas o navio, com incrivel rapidez, enquanto se ouvia o contínuo estridor da sereia de alarma, acionada pelo imediato, afundou de todo, e eu fui lançado nágua, descendo a uma profundidade que calculo em 10 metros. Procurei ter livres os movimentos, nadando para chegar à tona. Aí, busquei atingir, dentro da escuridão reinante, qualquer coisa em que pudesse me apoiar, achando, por fim, um tambor, no qual logo me apoiei. Mas um tambor torna a pessoa cedo exausta, pois com o movimento das ondas gira continuamente. Pouco depois, divisei uma das quatro balsas salva-vidas que o navio possuia, nela conseguindo me aprumar, e aí me mantive até ao clarear do dia, sempre perscrutando em volta, na ânsia de descobrir algum outro náufrago que tivesse logrado se desembaraçar do navio e a quem eu pudesse prestar qualquer auxílio naquela dolorosa contingência. Mas em redor, infelizmente, só vogavam destroços; só destroços me circundavam. O imediato, que, mal se produziu o choque do torpedo, acorrera para a casa do leme, afim de fazer funcionar a sereia de alarma, desceu com o navio e dele não logrou sair. Foi um magnifico exemplo de civismo, bravura e patriotismo, pois a morte desse oficial ocorreu quando ele se achava no cumprimento do seu dever. Por mais que tentasse ouvir o grito angustioso de algum náufrago ou o gemido de algum ferido, nada ouvia. Apenas o marulho das vagas. Daí a pouco, porem, avistava dois tripulantes, e somente dois, do que se infere que todos os passageiros e demais tripulantes, no curtíssimo lapso de tempo que mediou entre o torpedeamento e o afundamento, não tendo podido safar-se dos respectivos camarotes e alojamentos, sucumbiram dentro do próprio navio, que os levou para o fundo do mar. A tripulação compunha-se de 64 homens, dos quais apenas quatro se salvaram (incluindo-me eu nesse número), e os passageiros ascendiam a mais ou menos 100, entre adultos e crianças.

Montando nessa balsa, havendo conseguido arrumar alguns pedaços de madeira, improvisei, com eles e o meu dolman (na ocasião do naufrágio eu estava de chinelos e calça de pijama, porem de dolman), uma vela, graças à qual pude alcançar terra, que se achava à vista, o que só se verificou na noite desse dia, 18 horas depois do torpedeamento. Mas, antes de atingir terra firme, quatro vezes fui "embrulhado" com a balsa, na arrebentação, pois o mar, alí, é bem forte. Os outros tripulantes lograram tambem ajeitar-se em balsas. O foguista, Waldomiro Pinheiro, apegou-se a um "quartel" de escotilha (pranchão de madeira).

— Acha que o submarino tinha pleno conhecimento da rota desses navios?

— Creio que sim, pois, segundo os jornais teem publicado, eram transmitidas informações de terra sobre a rota dos vapores. Possivelmente, a notícia criminosa foi para um ou dois, mas o submarino aproveitou a coincidência da passagem de vários navios, para torpedear todos.

— Como explica essa coincidência de muitos navios?

— Deve estar lembrado de que, no começo de minhas declarações, aludí ao desarranjo havido no porto da Baía no tocante ao encanamento para abastecer os navios de água. O desarranjo havido demandou muito tempo para ser reparado, e esse concerto determinou a retenção de todos os vapores e, consequentemente, o seu atrazo na partida para prosseguimento da viagem. Friso desconhecer, até hoje, a causa do acidente que motivou a impossibilidade de nos abastecermos dágua e zarparmos na hora devida.

— Em quanto tempo calcula haja o navio afundado?

— Admito um tempo máximo de dois minutos. Tudo se passou com tamanha rapidez que nem sequer houve pânico a bordo! Não houve possibilidade, sequer, de nos utilizarmos do aparelho de telegrafia. O torpedeamento foi às 4 horas e 5 minutos da manhã, quando tudo estava escuro e todos acomodados nos seus camarotes ou alojamentos. Depois que voltei à superfície, cuidei logo de olhar em torno para lobrigar alguem, mas, como disse,

não vi ninguem, a não ser, pouco depois, os tripulantes a que já me referi.

— A que ponto da costa chegou?

— Ao lugar chamado Mangue Seco, no Estado de Sergipe. Alí, na Fazenda Santo Antonio, eu e os demais náufragos fomos carinhosamente recebidos pela população, que, num gesto generoso, nos forneceu roupas, sapatos, tudo enfim. Ainda alí, recebemos os necessários socorros médicos enviados pelo governo de Sergipe, que tudo nos prodigalizou. De Mangue Seco fui transportado para Estância e, dalí, para Aracajú, regressando, posteriormente, ao Rio por avião. O Loide Brasileiro autorizou os náufragos a adquirirem tudo quanto precisavam, e a todos dispensou a mais completa assistência".

ITAGIBA

Depoimento do Sr. Mario Hugo Praun, imediato

"A partida de Vitória para a Baía verificou-se no dia 15, às 6 horas da manhã. Até ao dia 17, fizemos boa viagem, sem nenhuma ocorrência anormal. Neste dia, porem, cerca das 10,50, fomos surpreendidos por uma explosão e estremecimento geral do navio, o que determinou a queda de objetos que se encontravam no camarote, onde me achava, quebra de vidros, etc... Percebendo o que se passara, disse: "Fomos torpedeados; vamos para as baleeiras". Em seguida, com o passageiro Frota, parti para as baleeiras, e aí encontrámos grande parte dos passageiros que viajavam na terceira classe. Todos se encaminhavam para a saida, em perfeita ordem. Na impossibilidade de subir pela escada da proa, que dava acesso à tolda, fiz a volta pelo salão de refeições. Ao chegar perto da baleeira que devia descer sob o meu comando, ordenei aos passageiros e tripulantes as primeiras manobras, aconselhando a todos a necessária calma, afim de que se salvassem ou, pelo menos, se salvasse o maior número de pessoas. Minha baleeira foi uma das últimas a flutuar, e, logo que foi lançada ao mar, ordenei o embarque dos passageiros e, em seguida, assumi meu posto.

Só houve uma explosão em baixo da escotilha do porão n. 3, a boroeste, e não se viu a unidade inimiga. O navio levou cerca de 10 minutos para afundar.

Quando nos esforçavamos para nos afastar do navio, a baleeira caiu-lhe em cima do convés, encostando-se à chaminé. Tentamos afastá-la, mas, como a chaminé já estivesse bastante inclinada e ameaçasse virar a nossa embarcação, resolví atirar-me à água, no que fui acompanhado pelos demais tripulantes. Nessa ocasião, fui puxado pela sucção das águas provocada pelo afundamento do navio, tendo sido arrastado a grande profundidade. Somente a muito custo conseguí voltar à tona; e, quando me encontrei de novo à superfície, vi, afastada de mim cerca de 200 metros, a baleeira que havíamos abandonado, completamente vazia. No fim de pouco tempo, alguns tripulantes tornaram a nela embarcar.

Impossibilitado de nadar, por estar muito cansado, segurei-me em alguns destroços de madeira, até encontrar uma porta que flutuava, e sobre ela me deitei. Aí aguardei a aproximação da baleeira, que se achava nas imediações, já com o capitão Tito Canto, o segundo-rádio telegrafista, Bellival Mello, e alguns outros tripulantes. Recolhido à baleeira e, após verificarmos que nas proximidades não havia outros náufragos, dirigimo-nos para a costa, que se achava à vista. Estávamos a 13 milhas de distância do farol do morro de São Paulo. Pouco tempo depois, avistamos, mais ou menos a 3 milhas de nós, o iate *Aragipe*, que presenciara o naufrágio do nosso navio. Aguardou as embarcações de salvamento e recolheu a seu bordo todas as vítimas.

Quando já nos encontravamos a bordo do referido iate, assistimos à aproximação do navio *Arará*, que se dirigia para o local do acidente para socorrer as vítimas. Impossibilitados de lhe dar qualquer aviso, devido à grande distância de que dele nos achavamos, continuámos a navegar, a toda força, em direção à costa, com receio de sermos atacados novamente. Passada uma hora, assistimos de longe à explosão do *Arará*, quando o mesmo se encontrava parado no local. Não pudemos prestar socorro, porque a nossa embarcação era pequena e bastante fragil e na mesma se achavam cerca de 150 pessoas, inclusive mulheres e crianças. No dia seguinte foi que soubemos dos pormenores.

O iate transportou-nos para a cidade de Valença, na Baía. Nessa localidade, os feridos foram recolhidos ao hospital e os náufragos restantes recolhidos em casas de famílias e nos salões da Prefeitura.

Ao chegarmos em terra, foi, imediatamente, organizada a lista dos sobreviventes, notando-se a falta de 11 tripulantes, inclusive o comandante. Este apareceu no dia seguinte, acompanhado de um taifeiro. Estão desaparecidos 9 tripulantes, inclusive um oficial de máquinas, um sub-oficial e 7 membros da marinhagem. Os passageiros desaparecidos são cerca de 18".

ARARÁ

Depoimento do Sr. José Coelho Gomes, comandante

"Às 7 horas do dia 17 de agosto de 1942, deixei o porto da Baía com destino a Santos, levando um carregamento de 1.000 toneladas de ferro velho. Às 10,45, avistei um navio afundando a cerca de 6 milhas de minha róta. Imediatamente dirigí-me para o local. Às 11 horas, já no lugar em que se verificara o afundamento e onde boiava grande número de destroços de toda espécie, o meu vigia, colocado no galope do mastro, assinalou náufragos pedindo socorro, por bombordo e boreste. Mandei arriar logo duas baleeiras, cada uma com 5 homens, sendo iniciado, então, o serviço de salvamento. Às 13,10, já com 18 náufragos a bordo, divisei um torpedo dirigido contra o meu navio. Tive tempo apenas de gritar: "Torpedo!" E, ato contínuo, foi ouvida tremenda explosão. O navio desmantelou-se. O madeiramento caiu. Um dos pedaços atingiu-me na testa, jogando-me ao chão desacordado e com a perna direita presa a um dos destroços. Assim desci com o navio, só dando acordo de mim quando me achava a certa profundidade. Tratei logo de desvencilhar a perna, procurando subir à tona. Quando isso conseguí, entre escombros, já não mais avistei o navio. Tinha afundado por inteiro. Eis por que calculo em 1 minuto apenas o tempo decorrido entre o torpedeamnto e o afundamento do barco. De novo na superfície, fui passando de escombro em escombro até atingir uma balsa, onde aguardei que uma de minhas baleeiras viesse em meu socorro. Socorrido, já na baleeira, ordenei aos meus homens remassem manso e sem ruido, afim de não despertar a atenção do submarino, evitando, assim, viesse ele nos metralhar. Às 21 horas, tendo alcançado a enseada do farol São Paulo, fomos alí hospitalizados. Às 2 horas do dia seguinte, chegava ao aludido farol uma lancha, vinda de Valença, com ordem de transferir os náufragos para a referida cidade, onde chegámos às 5 horas da manhã. Aí passei 2 dias, sendo, posteriormente, transportado, a bordo do cruzador *Rio Grande do Sul*, para a cidade do Salvador. Nessa cidade, fui internado no Hospital Português. Alí passei 14 dias em tratamento, findos os quais voltei ao Rio, por via terrestre, aquí chegando a 10 de setembro corrente.

— Quando viu o *Itagiba* afundando, que supôs ?

— Formulei duas hipóteses: explosão de caldeira ou torpedo. Achava-me tão próximo do *Itagiba*, isto é, dentro do raio de ação de um submarino, que tanto fazia ir em socorro desse navio como não ir, corria o mesmo risco de ser torpedeado. Decidí, assim, correr em auxílio do *Itagiba*, para prestar-lhe todo o socorro possivel, podendo, ainda, ficar a salvo da sanha do submarino atacante.

— Viu o submarino?

— Não. Nem o periscópio. Ví apenas o torpedo, quando o meu navio já estava de máquinas paradas.

— Que providência tomou?

— Tudo se passou tão rápido, que mal tempo tive de gritar: "Torpedo!". Logo em seguida, o navio era sacudido pelo embate do torpedo.

— E que providências havia tomado quando se certificou do afundamento do *Itagiba*?

— Alem de fazer arriar as baleeiras, mandei afrouxar as balsas.

— Quantos náufragos havia recolhido ?

— Dezoito. Depois de haver sido torpedeado o meu navio, somente 5 conseguimos vir do fundo do mar à tona, sendo que pereceram todos os náufragos recolhidos do *Itagiba*. Dez outros tripulantes do *Arará*, que se encontravam nas baleeiras procurando recolher náufragos do *Itagiba*, conseguiram salvar-se.

— Quantos oficiais do *Arará* sobreviveram ao torpedeamento ?

— Apenas três : o 2.º piloto, o praticante e eu. Os demais, em número de seis, morreram.

— Dos sobreviventes, quantos se encontram no Rio ?

— Apenas eu.

— E não dispunha de meios de dar aviso do afundamento do *Itagiba ?*

— Infelizmente, nem todos os navios mercantes são dotados de aparelho de rádio. Saímos da Baía às 7 horas da manhã. Às 9 horas, quando ainda estavamos na altura da barra, foi expedido o rádio-circular não permitindo mais a saida de qualquer navio. Se, pois, dispusessemos de rádio, teríamos voltado ao porto, isentos do torpedeamento. O próprio *Itagiba* recebera, uma hora antes de ser torpedeado, esse rádio-circular".

IMPRENSA NACIONAL
— RIO DE JANEIRO —

Preço: Cr$ 5,00